

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 9/12/2023 / Diário / Ano 139º / N.º 56166 / €1,50 / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leóncio Paulo Ferreira / Subdiretor Joana Petz

## PAULO RAIMUNDO

SECRETÁRIO-GERAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

# PCP DESAFIA PS PARA "ALTERNATIVA PATRIÓTICA E DE ESQUERDA"

**ENTREVISTA** Novo líder do PCP admite em futuras eleições "integrar um governo" ou "formar um governo" que trave a "alternância", mas com "objetivos muito claros". E o BE? "Convergimos 90% das vezes" no Parlamento. Elogia ainda a "franqueza e frontalidade" de Pedro Nuno Santos. PÁGS. 4-7



### Entrevista

JOANA BORDALO E SÁ

"Não é difícil colocar as reivindicações dos médicos em marcha. Tem é de haver vontade política"

PÁGS. 14-15

### Lisboa

Carris vai investir 169,6 milhões de euros em 342 autocarros e 25 elétricos até 2026

PÁG. 17

### II Liga

Sporting perde e fica a 12 pontos do Benfica antes do dérbi

PÁG. 24



### Música

Midus. Ela controla e não descola

PÁG. 26

### BRASÍLIA

## BOLSONARISTAS ENFRENTAM A POLÍCIA E INVADEM CONGRESSO NO BRASIL

ÚLTIMA



**GOVERNO** DE "INCRÍVEL" A "INCOMPREENSÍVEL": QUANDO A TEORIA POLÍTICA DÁ LUGAR À TEORIA DO CAOS PÁGS. 8-9



## EDITORIAL

**Leonídio Paulo Ferreira**

Director adjunto do Diário de Notícias

## Césares...

Lições de pequesenos e grandes países inspiraram-se longos séculos nos imperadores romanos para encontrar formas de exercer o poder. Claro que isso foi, e é, tanto mais evidente quanto mais poderoso seja o governante, dos Estados Unidos à Rússia, basta lembrar que nos tempos imperiais esta era liderada por um czar, palavra que deriva de César. Uma extraordinária reflexão sobre a persistência desse modelo de poder, da Antiguidade até hoje, é assinada por Mary Beard, que publicou *Doze Césares*, editado em Portugal pela Presença, e merece uma leitura tanto pelo que nos ensina do passado, como sobre aquilo que nos ajuda a perceber dos nossos tempos.

Professora em Cambridge, também conhecida pela divulgação que faz da História

através de documentários televisivos, Beard é autora de uma série de livros sobre Roma, com destaque para *S.P.Q.R.*, mas desta vez vai muito além da mera descrição dos acontecimentos de há dois mil anos. E desengane-se quem olhar para o título deste recente livro e pensar que se trata de uma sequência de biografias dos imperadores, mesmo que haja uma piscadela de olho ao *As Vidas dos 12 Césares* escrito por Suetónio, no século II.

Beard analisa dois mil anos de arte para destacar como a pintura e a escultura estão recheadas de referências aos césares, nomeadamente na Europa e nas Américas. Como a própria diz, foram décadas e décadas da sua vida a estudar figuras como Júlio César, Augusto, Calígula ou Nero e, ao mesmo tempo, a reencontrar-

-se com elas, ao passear por um palácio ou ao visitar um museu. Mas mais ainda sempre que num país por vezes que as moedas traziam a imagem do líder recordava-se de imediato de que era uma tradição política criada em grande medida por Júlio César, essa, deos governos adoz trazem nos bolsos o retrato do governante.

Júlio César, que viveu no século I a.C., nunca usou o título de imperador. Isso só aconteceu com o seu filho adotivo e sucessor Augusto, que pouco a pouco foi substituindo a república pela monarquia, mas mantendo as aparências. Contudo, Júlio César é uma personalidade inconfundível quando se pensa em Roma e na verdade uma figura da cultura popular. Por alguma estranha razão não inspirou sucessos de venda intintistas do género *Eu, Cláudio*, de Robert Graves, ou *Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar (livro que Beard, em entrevistas, desvaloriza do ponto de vista da verdade histórica, por fazer de um megalomaniaco um imperador místico), mas os seus *Vim, Vi e Venci* (*Veni, Vidi, Vici*, em latim) está subjacente na atitude de muitos políticos até hoje, inclusive os democratas que chegam ao poder pelo voto e esquecem o quanto efémero é o apoio das massas. E mesmo os que conquistam o poder pelo golpe deviam lembrar-se sempre de que Júlio César, tal como Calígula, foi assassinado, e Nero forçado ao suicídio.

Uma busca na internet encontrará facil-

mente alusões a Putin ou Bolsonaro relacionadas com os temas dos livros de Beard e a própria, desafiada por jornalistas, já por mais de uma vez fez comparações entre os videssos dos imperadores romanos e líderes atuais, como quando criticou o machismo de Trump, Putin e Berlusconi. Mas como uma fotografia em *Doze Césares* mostra, até o presidente americano Franklin Roosevelt, líder do mundo livre na luta contra o nazismo, celebrou um aniversário vestido de toga romana, e já estava na Casa Branca.

Não posso deixar de destacar que este *Doze Césares* de Beard está ilustrado com algumas belíssimas imagens de pinturas e esculturas abusivas à temática romana, mas também revela muitas das coisas feias que o cesarismo implica. Devemos muito, e de tudo, aos romanos, como cheios de humor os Monty Python nos relembra no filme *A Vida de Brian*, e é curioso como no dia a dia usamos tantas vezes frases como "Dai a César o que é de César, e a Deus, o que é de Deus" ou "À mulher de César não basta ser honesta, é preciso parecer honesta" (Beard não escreve nem Lívia, mulher de Augusto, nem nas Agripinas). E a nós portugueses, que tanto gostamos de reivindicar os lusitanos como os passados, também é pertinente que ao conquistador da Gália, seja atribuída a frase "Há, nos confins da terra, um povo que não se governa nem se deixa governar".

## FOTO DE 1950



A cerimónia de batismo das novas viaturas dos Bombeiros de Almada, em 1950, contou com corporações de todo o país, "num dia de alegre agitação", escrevia o Diário de Notícias da época.

## OPINIÃO HOJE

**Paulo Baldaia**

Quando é futebol, a Justiça até é de si própria desconfia?

PÁG. 11

**Jorge Seguro Sanches**

Tudo ao contrário

PÁG. 11

**Valentino Viegas**

I - Ferno Lopes  
O descobridor da Primeira  
Revolução Portuguesa  
PÁG. 12

**Jorge Barreto Xavier**

O currículo de um governante  
PÁG. 28

**DN**

9.1.2023

Directora: Rosália Amorim | Director adjunto: Leonídio Paulo Ferreira | Subdirectora: Joana Peito | Secretário-geral: Afonso Camões | Director de arte: Rui Leitão | Director adjunto de arte: Vítor Higgins | Editores executivos: Carlos Ferro, Helena Teodores, Pedro Sequeira e Artur Casanova (adjunto) | Grandes repórteres: Ana Malhó Inácio, Cláudio Neves e Fernanda Cláudio | Editores: Sofia Ferreira, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Faria, Filipe Di João Pedro Henriques e Nuno Fernandes | Redatores: Ana Mendes, César Aze, David Pereira, João Dias, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Mariana de Melo Gonçalves, Paula Sá, Rui Miguel Gonçalves, Sara Azevedo, Sara Santos, Susana Fraga, Susana Henriques, Valente Macedo | Arte: Ana Almeida (coordenadora), Fernanda Almeida, Lília Gomes, Rafael Costa e João Coelho | Digitalização: Inês Espada | Dinheiro Vivo: Joana Peito (editorial) | Evoluções: Inês Cardoso | Editores | Notícias Magazine: Inês Cardoso (editoria)

Conselho de Redacção: Ana Malhó Inácio, Fernanda Cláudio, Susana Salvador, Susana Francisco e Rui Faria | Secretária de redacção: Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves | E-mail geral de redacção: dn@dn.pt | E-mail geral de publicidade: dp@dn.pt | Contactos: Rua Formosa da Fátima, Torre E.5.º - 1600-209 Lisboa, Tel.: 213 807500 Fax: 213 817 050, Rua de Gonçalves Crasto, 165, 1.º - 1600-011 Porto, Tel.: 222 008 100, Rua João Machado, 92 2.º, 3000-238 Coimbra, Tel. Redacção: 969 983 378, Publicidade: 969 105 610. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Taxa média de distribuição: 2022: 6050 exemplares.

VEAFPRESS®  
Soluções de Auto Publicidade

adpt

# VISITE A EXPOSIÇÃO DN TESOURO NACIONAL NO MUSEU DE MARINHA

📅 17 DEZ 2022 - 28 FEV 2023 ⌚ 10H00 - 17H00 📍 PRAÇA DO IMPÉRIO, LISBOA



EXPOSIÇÃO



TESOURO NACIONAL

O Museu de Marinha abre as portas ao espólio do **Diário de Notícias**, reconhecido como Tesouro Nacional. Uma exposição única, com os momentos mais marcantes do país e do mundo, contados ao longo de 158 anos pelo Diário de Notícias.

De 17 de dezembro a 28 de fevereiro, todos os dias das 10h00 às 17h00 (encerrado dias 25 de dezembro e 1 de janeiro). Sala Dom Luis I do Museu de Marinha, Praça do Império, Lisboa

# Paulo Raimundo PCP desafia PS para "alternativa patriótica e de esquerda"

**ELEIÇÕES?** Secretário-geral do PCP admite "integrar um governo", "formar um governo" que trate a "alternância", mas com "objetivos muito claros". E o BE? "Convergemos 90% das vezes" no Parlamento. Paulo Raimundo elogia ainda a "franqueza e frontalidade" de Pedro Nuno Santos.

ENTREVISTA: ARTUR CASSIANO E JOÃO PEDRO HENRIQUES. FOTOS: REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

**No tempo da gerinçoa o PS governava melhor? A presença do PCP, do FEV, do Bloco nessa posição conjunta assegurava, a seu entender, mais estabilidade e qualidade nas políticas?**

Há uma evidência no período de 2013 a 2019, aquilo que marcamos, ainda que com insuficiências e muito aquém das necessidades, foi a recuperação de direitos, a reconquista de novos direitos, abrir caminhos para políticas necessárias, foi isso que marcamos.

**Presença do PCP e dos outros partidos nessa solução era também um fator de estabilidade?**

Sinceramente, aquilo que acho que conferia estabilidade a essa solução era exatamente os objetivos políticos que se concretizaram. Agora, do ponto de vista técnico, não poderia haver uma solução mais estável do que aquela que existe hoje. Aquilo que tornava insólita a situação hoje é a profunda contradição entre a política seguida e os problemas que as pessoas enfrentam. No contrário da solução de 2015 a 2019, em que o PS, no nosso entender, foi obrigado a ir mais longe do que aquilo que esperava ter de it. Tanto do ponto de vista de reposição, como de abrir novos caminhos. Quando pensou que tinha a oportunidade de se livrar desses – no entanto do PS –, contangimentos, livrou-se e ficou com a maioria absoluta depois de um processo de chantagem. Procurou retomar o caminho que sempre quis, que é o que está em curso. De facto, isso cria uma situação de grande instabilidade social e económica, que depois se traduz do ponto de vista político também.

**O PCP poderá um dia voltar a estar disponível para repetir a última gerinçoa?**

Para não perder a previsibilidade da questão, essa pergunta tem de se de-

voldado o PS. Acho que uma grande virtude dos últimos dezanos foi exatamente uma experiência de um governo PSD-CDS, tivemos experiência de 2015 a 2019, que caracterizámos como uma nova fase da vida política nacional, e temos experiência de curta duração, mas também, desta maioria absoluta. Perante isto tudo, perante uma certa tentativa de lamaçal, que é o que vivemos hoje, aquilo que emerge – estamos outra vez a ser muito pressionados para esta questão da alternância – é a pressão de comandar este barco como ele está. O que emerge é um problema de alternativa, não de alternância, e nós propomos uma alternativa com uma política patriótica e de esquerda, assente num conjunto de objetivos muito claros, que vamos continuar a afirmar, e é isto que vale o nosso futuro. Podemos dizer que os socialistas emergem, do PS em particular, podiam estar de fora desta solução? Não, a partida não pode estar de fora desta solução. No fundo, devolvo a questão ao PS, mas com um desafio grande: ou há uma política que resolva os problemas das pessoas – em termos entendidos – ou não. Isto é certo.

**Acha que Pedro Nuno Santos, até pelo que conhece dele, assegura a possibilidade de um dia haver algo frutífero entre os dois partidos?**

Aquilo que posso dizer é que, independentemente das diferenças políticas que obviamente existem e que marcam, a relação que existiu foi sempre franca e franca não passa para como o PS.

**Mas as relações podem ser frontais e francas e haver desconfiança?**

Sim, como aliás aconteceu grande parte das vezes.

**A frontalidade e a franqueza também podem ser instrumentos para chegar a um acordo. Verificou isso numa pessoa de Pedro Nuno Santos?**

Não há razão nenhuma para esconder: Pedro Nuno Santos sempre esteve, na altura em 2015, sempre esse princípio de franqueza e frontalidade, mas também com a identificação clara do que nos separa. Como temos a experiência testada, digamos assim, das opções políticas do PS do qual Pedro Nuno Santos faz parte, e temos a experiência testada da nova fase da vida política nacional, aquilo que se coloca neste momento é como é que avançamos para uma alternativa a esses caminhos. Sea lista A, Bou Cestiver disponível para esse caminho, naturalmente que corramos com eles.

**Quais são os erros que o PCP assume que cometeu durante a gerinçoa? Ou ficatado à responsabilidade do PS?**

Conhece as circunstâncias em que tivemos de assinar o papel, houve quem quisesse esse papel, mas para nós não em preço papel nenhum. Até porque o papel valia o que valia.

**Mas no papel não dizia nada so-**

**"Não só não excluímos integrar um governo, como temos a legítima pretensão de poder formar um governo."**

**bre as políticas, só sobre as condições de governabilidade.**

Está a ver? Fizemos bem, porque isso garantiu que pudéssemos ir mais longe do que aquilo que eventualmente pudesse estar escrito no papel.

**Há quem se queixe, na CGTP por exemplo, de que o PCP podia e devia ter ideias mais longas e revulsas de leis laborais da reversão.**

E fartámo-nos de trabalhar para isso.

**Isto não foi imposto previamente. Numa futura negociação, o PCP terá de impor previamente?**

Acho que temos de olhar para aquilo que aconteceu em 2015 não propriamente a pensar numa solução governativa e de política de fundo. O que fizemos em 2015 foi dizer o seguinte: perante a votação expressa e o número de deputados eleitos, há duas possibilidades.

**E perante o facto do PSD e o ganho.**

Há duas possibilidades: ou há uma maioria na Assembleia que garante um governo PSD-CDS ou há uma maioria que permite a construção de um novo governo liderado pelo PS, mas que tivesse logo três questões fundamentais. Isto é, em primeiro lugar, afastar o PSD e o CDS do poder, e assumimos esse objetivo. Em segundo, formar um governo novo que fosse podal ser do PS, não em possível formar um governo em que participássemos porque os programas políticos são profundamente antagonicos. E, em terceiro, um novo governo que neste enquadramento e até do ponto de vista da luta social e política, desde logo fiscalmente não fosse "bem condicionado". Foi isso que aconteceu, não houve nenhum programa comum, não houve nada disso.

**E isso não fragilizou?**

Não, até acho que foi uma virtude e uma criatividade de uma solução o

portuguesa, diria assim. E acho que permitiu ir mais longe do que aquilo que eventualmente pudesse ter ficado acordado. Primeiro, permitiu recuperar uma parte dos direitos que tinham sido roubados, depois, ir mais longe num conjunto de conquistas, até coisas simbólicas, mas com peso na vida, como a recuperação dos ferriados, além dos rendimentos claro. As questões do passe, abrir caminho para a questão das creches, os manuais escolares gratuitos, tudo isto são iniciativas que só foram possíveis pela nossa intervenção. Claro que partidá já sabia-nos das coisas primeiro, as opções de fundo do PS – e havia coisas sobre as quais dificilmente se podia ir e que, mais cedo ou mais tarde, aquela solução política teria de ter um fim, exatamente e pelas opções políticas de fundo do PS. Isto, para chegar às questões laborais. Essa é uma questão da qual nunca olvidámos. Aliás, foi uma das questões que





**“Não há razão nenhuma para esconder Pedro Nuno Santos desempenhou, na altura em 2015, sempre este princípio de franqueza e frontalidade”.**

teve um peso determinante no Orçamento do Estado de 2021.

**O PCP exclui de todo e em absoluto, no quadro de uma solução futura de esquerda, integrar um governo?**

Não, porque é quehavíamos de excluir? O nosso objetivo é conquistar o poder, é para isso quecã andamos. Então não excluim integrar um governo?

Não, e até lá digo mais – não só não excludamos integrar um governo, como temos a legítima pretensão de poder formar um governo. E fariamos, para isso, que agora houvesse eleições antecipadas? Disse que o PCP está disponível para tomar medidas concretas, fala em alternância eurgência. Há necessidade de quebrar já este ciclo, de forma a que o PCP possa participar numa solução de alternativa?

A alternativa política que propomos tem objetivos de fundo que se

colocam na vida das pessoas. Um dos objetivos fundamentais da política que propomos é aumentar salários e pensões. Até se pode dizer que isso é sempre um objetivo geral, mas nos tempos que correm, todos sabemos que é uma questão decisiva. Olhando para a realidade, temos um governo de maioria absoluta que só não avança com medidas que resolvam os problemas das pessoas se não quiser, porque tem todas as condições para isso. Mas o PCP também se encontra numa situação mais frágil para pedir medidas mais duras para aquilo que quer realizar. A força negociadora do PCP reduziu-se, não só pela maioria absoluta, mas também pela perda de deputados nos últimos anos.

Sim, o que me está a dizer é um facto, perdemos deputados. É um facto. A questão não é só perder deputados, é perder força negociadora. Não vou fugir à pergunta, mas a

questão não é essa. Aquilo que nos move emos preocupa não é o número de deputados ou o número de votos quevamos ter, é a situação económica e social do país. O país está concentrado nestas questões de casos e problemas, que claro que não podem passar ao lado, mas a vida das pessoas é algo completamente diferente. Na semana passada, estive num contacto com trabalhadores em Vila Franca e não houve um único trabalhador que me fosse lealado da instabilidade governativa, falando-me em do aumento dos salários. Isso é uma constatação de factos, mas como é que o PCP perdendo força negociadora consegue alterar isso?

Mas lá está, é sobre esta realidade que temos de exigir que se deem respostas aos problemas das pessoas. Como? Exigindo só?

Exigindo e agindo. Quando estamos num estorço orgânico para fazer propostas no plano da Assembleia

da República, fazer propostas em várias instituições, mas também animando a justa reivindicação de diversos setores da sociedade que estão a ser profundamente apertados, essa é uma forma de exigência. Mas lá quando pela maioria absoluta do PS.

Só que a maioria absoluta do PS, tal e qual como a outa maioria absoluta, não é condição para levar até ao fim as suas opções. Se torram mais difícil para este lado, sim, mas não é condição, até porque a realidade social e económica está a impor-se. Estar a impor-se significa que, mais tarde ou mais cedo, teremos eleições antecipadas?

Digo-lhe sinceramente que não há nenhum desejo da nossa parte em acelerar coisas... Para acelerar esticão cá outros. Mas como é que trava aquilo que nos considera um problema? Forçando o governo? Claro que temos menos força agora do que tí-

nhamos, mas a força para pressionar não se mede apenas do ponto de vista institucional, mas também por toda a capacidade de ação e intervenção em diversos setores da sociedade.

**Até por uma união de esquerdas? No tempo da perseguição à função, de forma bilateral. Fará sentido agora haver uma relação mais próxima entre PCP e Bloco?**

Talvez estejamos a partir de pressupostos diferentes, no sentido em que aquilo que nos preocupa não é propriamente quantos votos vamos ter nas próximas eleições, sejam elas em 2026 ou antes. O nosso cálculo é como vamos criar condições políticas e sociais que obriguem o governo a tomar medidas, porque temos todos os instrumentos na mão que permitem responder aos problemas das pessoas. Permitem responder aos problemas das reformas, das creches, dos salários, ao problema de uma questão evidente que é como colmatar a especulação dos preços, uma vez que temos inflação, mas também especulação dos preços dos bens essenciais. Para essa batalha, todos são poucos, as convergências fazem-se no plano institucional e no plano social.

**Portanto, é perfeitamente admissível uma convergência entre PCP e Bloco mesmo sentido de resolver o problema do “como é que se faz”?**

É perfeitamente admissível todos os dias e aliás, no caso concreto do Bloco, podemos dizer que convergimos 90% das vezes na Assembleia da República sobre matérias de facto. Faria sentido uma frente eleitoral, há que as políticas gerais do PCP e do Bloco são, como diz, parecidas?

Como sabemos, partimos de uma frente eleitoral e com uma coligação com o PEV e muitos outros independentes. Acho que às vezes a soma das partes vale mais do que o conjunto e não me parece, no quadro em que estamos, que isso fosse um instrumento.

continua na página seguinte

• continuação da página anterior

**Mas não era uma manifestação de força? Até porquê tem uma grande preocupação com a direita.**

Iso leva-nos para outro problema, que é a questão do que é que isso significa. Como sabemos, houve uma moção de censura promovida por um dos partidos da direita, moção sobre a qual votámos contra, claro. E isto exatamente por causa dos dois blocos. Porque se não houvesse aqueles dois blocos que há uma maioria absoluta do PS com opeçôes políticas fundas, que se esgotaram num bochadinho, quais são as grandes diferenças entre essas e as do PSD, do Chegado da IL? Há uma questão óbvia: um quer manter o processo, outros querem acelerá-lo e outros outros querem mantê-lo neste ritmo, talvez seja única diferença. Porque do ponto de vista de fundo, basta vermos como cada um se comporta. Por exemplo, no Orçamento do Estado, se como se viu, votamos a IL em todas as votações praticamente. Qual é a diferença entre o objetivo IL para a TAP ou objetivo do PS? E o ritmo, não é o objetivo final, porque ambos querem privatizar. E isto não é só a Iniciativa Liberal, estão a referir-se ao PS e partidos que quis tomar a dianteira do protagonismo com o mandato de censura, o que do ponto de vista mediático está muito bem. Mas qual foi o posicionamento da IL sobre a entrega por parte do governo de 140 milhões de euros às concessionárias da autoestrada? Não ouvimos nada sobre isso. Igual é o ritmo do PCP?

O ritmo do PCP é travar este rumo. Sabemos que não é fácil, precisamos de ter mais forças para isso. Usando uma metáfora da velocidade, onde está o PCP neste caso? Neste caso, está no sentido contrário deste, está no sentido oposto. E isto para chegar ao problema do "ai, ai, que vem aí a direita", mas esse problema ajudado chantagem do PS e da Iniciativa Liberal.

**Mas também ajudou à formação da geringonça, ou não?**  
 Ai foi ao contrário, ali foi, ai, viamos acabar com a direita.

**Para esclarecer: frente eleitoral comum, pré-eleitoral, PCP Be-Lo-cho?**

As questões das eleições estão longe.

**Na entrevista que deu à Lusa logo quando foi eleito, revelou que um dos conselhos que os seus camaradas lhe deram foi "não invente". Inventou quando fez um convite ao regresso ao PCP dos velhos dissidentes e daqueles que foram aliados quando o Muro de Berlim lhes caiu em cima, digamos assim?**

Não estava a falar das velhas dissidências de há 30 anos. Há toda uma sequência: há uma intervenção feita no fim da conferência onde se apeia àqueles que se aproximam e reaproximam do PCP que venham para a luta do ponto de vista mais geral. Estava a

pensar naqueles com quem me cruzei. Ainda que o apelo feito na conferência esteja para lá disso. É um apelo que coloca a questão mais no sentido de que há pessoas que saíram e se afastaram do PCP por razões muito diversas: por opções diferentes, por se chatearem por esta ou aquela posição, mas que olham para o PCP como um lugar seguro, não há troca -tintas, e confió. Se assim é, o apelo que foi feito foi "venham connosco".

**Está a falar mais daquelas pessoas que criticaram a posição original do PCP sobre a guerra na Ucrânia? Também houve algum desencanto com a posição do PCP que levou ao chumbo do Orçamento. Quando fala nessas aproximações de antigos militantes e companheiros de estrada, está a falar mais de seus afastamentos recentes do que dos outros mais antigos?**

Acho que são razões mais ou menos óbvias. As razões que levaram algumas pessoas a sair do PCP quando des debate que aconteceu por volta do ano 2000, são razões de fundo. Ou seja, no fundo, há uma incompatibilidade objetiva - que respeitamos, obviamente - entre aquilo que o PCP é e continua a ser e aquilo que algumas pessoas gostariam que passasse a ser.

**"A greve é um problema para os trabalhadores, cada vez que faz greve perde um dia de salário."**

**Algumas pessoas deixaram de ser comunistas?**

Não, não. Algumas pessoas deixaram de olhar para o PCP como o partido que lhes responde nos seus objetivos, mas nós respeitamos isso sem problemas. Depois, há pessoas com outras razões. Há muitas dessas pessoas que voltaram ao PCP há muitas que, não voltando, estão connosco nesta ou naquela batalha, e há outras que, não estando connosco, pedramos que tenham uma intervenção política ativa porque fazem falta para a batalha mais geral. E sente que esses regressos estão a verificar-se depois da sua eleição para secretário-geral?

Há uma coisa que temos de dizer que sentimos, que é o facto de termos 2000 novos militantes desde o

ano passado. É um dado significativo, mas não foi a consiga dizer-se alguns desses foi antes ou depois de eu chegar a secretário-geral. Um dado objetivo é que todos os dias recebemos e-mails de pessoas a dizerem que não querem inscrever-se no partido. Não está a eleição do novo secretário-geral, mas sim o impacto da própria conferência e de uma ação determinada que quisemos e estamos a procurar fazer no terreno.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada. Aquilo que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.

**Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".**

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada. Aquilo que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.

**Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".**

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada.

**Acho que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.**

Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada.

**Acho que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.**

Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada.

**Acho que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.**

Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada.

**Acho que percebi da posição do PCP foi que censuramos a inibição do partido quando se assumiu funções, uma necessidade sua e do partido de declarar a posição do PCP sobre a guerra na Ucrânia.**

Há pouco, reparai que utilizou a expressão "guerra".

É uma guerra, não há dúvida nenhuma.

**Ma há uns tempos era outra coisa, uma intervenção...**

Já disse isto várias vezes, mas não acho que tenha clarificado nada.

é bonito ou feio, manifestam-se porque tem razões para o fazer. Não sente uma perturbação por sentir que a Fenprof está a perder força no contacto e mobilização dos passivos?

Não. Para já, não tenho nenhum dado que comprometa isso que me está a dizer, depois, acho que a questão não é essa. Os profissionais manifestam-se porque tem razões para isso, como é natural, por mais bonitos que sejam, não há nada de meditação sindicalista, não, por si só, não se movia nada. E escrevo uma CGTP mais nova emais ativa?

De certeza, isso é uma evidência. Até para fazer face aos problemas sociais que enfrentamos e esse é um desafio da CGTP. Mais forte, mais ativa, mais interativa.

**Sente que os sindicatos que compõem têm vindo a perder força?**

Por aquilo que vejo, sinceramente, tenho a ideia contrária. Acho que há uma ação muito mais forte e mais dirigida, até do ponto de vista de ação das empresas no local de trabalho em concreto, e isso está a traduzir-se num conjunto muito amplo de lutas que estão em curso.

**Não vê uma menor capacidade de intervenção?**

Não, vejo uma maior vontade de ação. Mas há um aspeto que não é de pouca importância nisso, que é qual é o impacto da caducidade da contratação coletiva?

**A greve detou de ser um instrumento?**

Sabe que a greve é um problema para os trabalhadores, cada vez que faz greve perde um dia de salário.

**Mas não é só isso. Para pessoas que têm contratos emais ou não emais como é que se reinventa o sindicalismo?**

Acho que o sindicalismo é motivo de estudo, porque se não se tivesse reinventado no sentido de se adaptar a cada momento de organização, então já tinha acabado e tinha sido transformado noutra coisa qualquer. Mas essas questões que coloca são desafios muito grandes.

Primeiro, para cada um dos trabalhadores, porque quem tem contratos semanais ou mesmo diários, ou de trabalho temporário, está numa situação de fragilidade e também tem certos diários para pagar. Vou dar-lhe um exemplo com creto de uma ação recente: os trabalhadores das plataformas TVDE fizeram há pouco tempo uma ação até com grande impacto no Porto. Situação mais precária que está lá.

**Mas acabam por ser movimentos laterais aos sindicatos.**

Não, não tenho nada essa ideia. A CGTP, por exemplo, não tem hoje meios sindicalizados e faz muito há muito tempo?

Os dados que recolho são do último congresso, que mostravam que tinham dito, durante o mandato de quatro anos, mais 120 mil sindicalizados. Os sindicatos vivem em desenvolvimento em função dos seus associados, não é indiferente ter mais ou





mentos. Mas, no fundo, o que quero dizer é o seguinte: acho que há uma ideia que está criada e que acho que não corresponde à realidade. **Como é que explica a perda de influência eleitoral do PCP desde 2015?**

Não factos e há culpas próprias, sem dúvida. Mas ainda sou do tempo em que também víriamos de uma situação dessas e depois recuperámos nas Legislativas, nas autárquicas e até no Parlamento Europeu. Temos as nossas culpas, naturalmente. Por exemplo, há pouco falei-lhe do papel decisivo que tivemos entre 2015 e 2019 num conjunto de medidas, e agora já podemos falar disso à vontade porque já não há quem as queira reivindicar.

**Está a falar do Bloco?**

Não, não, e daí minha parte vou fazer um esforço para não mandar indirectas sobre nada, porque quando tem de dizer alguma coisa, diz-se. Mas tivemos o nosso papel determinante nesse processo todo. O PS fez o seu papel, criou uma forma, um discurso, em que na prática assumiu todo o protagonismo dessas conquistas. E nós tivemos a capacidade de chegar tão longe quanto possível para dizer que certas medidas eram nossas e, portanto, que tivéssemos atenção ao que faziam.

**Osernos cometidos foram só esses? Dificuldades em passar a mensagem?**

Não, não, esse é um exemplo, certamente teremos outros. Mas acho que os resultados eleitorais nesse ciclo que identifiquei, não acho que

estejam fora da conjuntura geral.

**Um exemplo concreto?**

Sim, vou dar-lhe um exemplo concreto. Uma das autárquicas que perdemos, entre outras, foi a Câmara Municipal de Alameda. E perdemos num quadro em que de umas eleições para as outras, desceram 500 votos. E a conjuntura levou a que o PS tivesse tido uma subida extraordinária e, como se diz na grá, limpou-nos a Câmara. Nas eleições seguintes, a CDU subiu face às anteriores só que o PSD praticamente desapareceu. O Bloco desapareceu, e o PS volta a ganhar a Câmara.

**Isso justifica?**

Claro que não justifica tudo, mas não podemos deixar de o ter em conta. Não também cometemos erros. No PCP não há a pretensão de fazer sempre tudo bem.

**Logo os textos do PCP, os textos da conferência, os comunicados do Comité Central, a resolução do último congresso, etc... li-se sempre que o PCP perdeu influência por via do ataque sistémico que está sujeito pelas forças representantes do capitalismo, e não há nunca a referência a uma subavaliação do partido.**

Nós fazemos muita autocrítica. Aliás, sequer um exemplo é ler o documento da Conferência Nacional. Quando separamos 20 linhas de trabalho no plano político, económico, de movimento de massas social, significa que há pelo menos vinte coisas que achamos que devemos mudar. E não são coisas que quero. Se dizemos que precisamos de aumentar a

**“Se o contributo que o secretário-geral está a dar a determinada altura não responder às necessidades que o partido tem, com naturalidade elege outro camarada.”**

nossa influência social nas empresas, nas organizações locais, assumir um papel de protagonistas na mobilização pelos problemas concretos, rejuvenecer, recrutar mais, recuperar, intervir do ponto de vista do aumento dos salários. E quando secoloca isto como necessidade e porque alguma coisa não está bem. Outra questão é se não enquadrarmos os resultados eleitorais no quadro em que eles se realizam, se não enquadrarmos a parta do visível que temos do mundo e da evolução ninguém o fará por nós.

**Li-se no programa do partido que a sua tarefa histórica só é possível realizar com uma revolução socialista, sendo a sua base teórica o Marxismo-Leninismo realista, dialéctico e, necessariamente, criativo. Isto não é tudo e o seu contrário? Como é possível**

**ser na prática revolucionário e institucional?**

Percebo a aparente contradição, mas há um ponto de partida que não podemos esquecer. É que o regime democrático em Portugal e o regime institucional, não menos prezando outros contributos fundamentais, como o levamos às costas. E não é há 50 anos, mas praticamente há 100 anos. Somos construtores do regime democrático e pagámos-o com sangue; sou eu próprio. Não há nenhuma contradição, mas isto não muda a realidade, cultura, forma de estar. Acho que não há nenhuma contradição nessa afirmação.

**Aperda global de influência dos partidos comunistas, ea perdenacional também, não leva às vezes a admitir a hipótese de que a ideia comunista pode ter-se tornado uma espécie de anacronismo sem remédio?**

Não. Deve-mesclizar duas coisas sobre isso. A primeira é que essa ideia comunista é muito nova. No quadro da Humanidade é uma coisa recentíssima, 100 anos. É muito mais recente que o capitalismo. E depois, olhando para a realidade da Humanidade e para a realidade social nacional, não só não é um anacronismo, como é cada vez mais urgente esta perspectiva de transformação social ligadas a coisas concretas e a resoluções dos problemas concretos das pessoas. O que leva a uma questão fundamental. Temos uma polí-

**“Nós também cometemos erros. No PCP não há a pretensão de fazer sempre tudo bem.”**

tica e uma opção política que é dirigida à maioria, mas que não tem em conta as necessidades da maioria. **Porque é que houve uma necessidade de Jerónimo de Sousa ou do partido de revelar que não houve uma unanimidade na sua escolha, houve antes uma ampla convergência?**

Ao contrário do que talvez se possa pensar, não falamos verdade. Houve um processo, que é conhecido, junto do Comité Central do meu partido que antecede o ato formal da votação e eleição do novo secretário-geral. Esse processo de austerização que há, clara opinião diferenciada. E é nesse enquadramento de que opiniões diferentes se manifestaram que surge essa afirmação que é verdadeira. Da mesma forma que na votação, no dia 12 de novembro, o Comité Central reúne e vota, a escolha do secretário-geral é feita por unanimidade. E isso não tem sido. E a minha camarada Margarida Botelho, quando veio cá fora apresentar os resultados da votação, se tivesse havido dois votos contra ou tivessem tido três ditos isso.

**Deu si mesmo tempo para ficar na sua ideia?**

Os exemplos anteriores assumam um bo cadinho. Acho que não tenho se coloca de cada forma. Não tenho objetivo pessoal.

**A sua permanência pode estar dependente dos resultados eleitorais? Pense que não. Não é uma prática nova. Não fazemos a avaliação do trabalho da direcção do partido em função de resultados eleitorais. Temos as conclusões do congresso próprio e da conferência e a partir da concretização ou não das condições de concretizar essas conclusões e não que efetiva o partido. O resultado não é indelével, é muito imutável, aliás as condições que temos hoje para interferir do ponto de vista social institucional são menores do que anteriormente, e bem que concretizar essas conclusões que tivemos mais.**

**Isso é o que o pode levar a sair? A não concretização?**

Se o contributo que o secretário-geral está a dar a determinada altura não responder às necessidades que o partido tem, com naturalidade elege outro camarada. Da minha parte, quero dizer-vos com toda a franqueza que trabalhei para isso com humildade.

▶ Veja o vídeo em [dnpt/dntv](https://www.dn.pt/dntv)

# De “incrível” a “incompreensível”: quando a teoria política dá lugar à teoria do caos

**GOVERNO** Nove meses de maioria absoluta, 13 demissões. Até mesmo os especialistas em Ciência Política têm dificuldade em encontrar explicações cabais para o que se passa no executivo. A continuar assim, já há quem veja eleições antecipadas no horizonte.

TEXTO SUSETE FRANCISCO

**A**ntónio Costa chamou-lhe um governo mais curto, mais ágil, mais passado nos nove meses de governação à realidade veio demonstrar que o governo é sobretudo mais problemático. Duas demissões de ministros, 11 saídas de secretários de Estado e duas reuniões de consenso depois, como se explica tamanha sucessão de polémicas e consequente rotatividade num executivo de maioria absoluta que nem um ano de governação cumpria?

Até mesmo para investigadores de Ciência Política a primeira explicação é que... não há explicação. Incrível, incompreensível, dificilmente explicável, são alguns dos adjectivos usados para qualificar um sucesso de acontecimentos que parecem equidistantes: se menos na Teoria Política e entrar na teoria do caos. “Chegámos a um ponto em que nem as parâmetros mínimos estão a ser definidos”, diz Viriato Sommenho-Marques.

“Parece que os ministros e o primeiro-ministro estão a fazer isto em *part time*. Dá vontade de perguntar qual é a outra profissão que têm, porque isto é de uma incompetência absolutamente inaceitável”, critica, questionando “como é que é possível este amadorismo no executivo”. É incrível. Nem num argumento de um filme de série!?”

Para o professor catedrático de Filosofia Política o “discurso de António Costa” amantando sempre a ideia de que não se passa nada é inaceitável e como é igualmente “inaceitável o país ficar refém do partido a

quem deu uma maioria absoluta”.

Este não é um problema isolado ou circunstancial. Para Soromenho-Marques o que se tem passado no executivo “mostra a fragilidade de uma instituição que é fundamental para a democracia representativa, que são os partidos políticos”.

“Estamos a falar do partido do governo e da forma como é feito o recrutamento [para o executivo]. No passado existia uma espécie de dupla fonte de quadros para o governo: por um lado pessoas da esfera técnica, da sociedade civil, os chamados independentes, e as pessoas do partido, de confiança política. Neste momento parece que estamos reduzidos a figuras deste segundo tipo”, sublinha Sommenho-Marques, defendendo que “há uma reflexão que temos de fa-

zer, como sociedade, porque a nossa democracia está numa situação de degradação”.

Nas suas vitórias videntes: “O debate parlamentar está à muito pouco rico, as pessoas estão nas suas trincheiras... E tudo isto tem ajudado ao aparecimento de forças que estão num campo politicamente não democrático, ou mesmo antidemocrático”.

## “Falta de coordenação” num “governo remolado”

António Costa Pinto, investigador coordenador no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, considera que “não é facilmente explicável” a sucessão de controvérsias que têm assolado o executivo, até pela circunstância deste governo ter na origem “uma componente política mais forte” que executivos anteriores.

O que torna particularmente “irónicos” casos como o da ex-secretária de Estado do Tesouro, Alexandra Reis, chamada ao governo depois de ter recebido uma indemnização de meio milhão de euros da TAP (e de ter passado pela presidência da NAV, empresa pública responsável pela gestão do tráfego aéreo), num caso com a tutela de dois ministros “políticos” (Pedro Nuno Santos, que entretanto se demitiu, e Fernando Medina).

Uma situação que sorra tudo ainda “menos compreensível”. “Vejam-se o caso de Fernando Medina, é um dos ministros das Finanças mais políticos da democracia portuguesa, um ministro que não saiu de uma ‘bolsa’ de tecnocratas indepen-



A tomada de posse do governo, a 30 de março de 2022. Dois ministros e 13 secretários de Estado) já saíram da fotografia.

entes”, como os seus antecessores, o que poderia explicar uma menor atenção à questões que, se outro problema não tivesse, são pelo menos um evidente problema político.

O mesmo é válido para o caso da secretária de Estado da Agricultura, Carla Alves, que se demitiu 25 horas depois de tomar posse, depois da notícia do *Corrêio da Manhã* que revelou que tem contas arrebitadas partilhadas com o marido, onde teria sido depositadas os mas superiores à declaradas nos rendimentos. “Alguém não avalia bem”, sublinha António Costa Pinto, lembrando que a ministra com a tutela da pasta, Maria do Céu Antunes, é um “quadro político, foi presidente da Câmara, secretária de Estado” e membro da Comissão Política do PS – “o que tornava situação ainda mais incompreensível”.

Pouco investigador há dois pontos que podem ajudar a explicar o caminho conturbado dos últimos nove meses. Por um lado, a circunstância

de o executivo firmado no início do ano passado não ser “um governo novo, mas remodelado”. “Quando ganhou a maioria absoluta, António Costa não fez um novo governo, fez uma remodelação governamental – era o governo da ordem delação que não foi feita em 2021”.

E, sendo um executivo de forte carácter político, exigiam maiores esforços de coordenação. “A inclusão de mais ministros políticos exigia uma muito maior coordenação do próprio primeiro-ministro e do seu gabinete”, sustenta o politólogo, sublinhando que não há outra figura no elenco governamental com peso para desempenhar esse papel com eficácia. Este é precisamente o segundo ponto elencado por António Costa Pinto como explicação para os sucessivos casos no governo – a falta de coordenação.

O outro exemplo paradigmático: o caso do ministro da Economia, um independente (e “com dois secretários de Estado herdados do



anterior governo, que redundaram na caricata a situação de contrariar publicamente e declarações do ministro – e acabaram remodelados.

#### Uma "surpreendente incapacidade de escrutínio"

Para Paulo do Espírito Santo, professor e investigador do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSIP) da Universidade de Lisboa, pode-se dizer que há um "peccado original" na formação dos executivos, na medida em que há uma "limitação no plano das escolhas": "Tanto quanto podemos observar há um esgotamento das possibilidades de recrutamento político".

Uma circunstância a que se soma uma "surpreendente incapacidade de escrutinar melhor os perfis de quem vai para cargos executivos", como veio provar novamente, na última quinta-feira, a demissão re-emprego da secretária de Estado. Um caso que só pode ser visto com

"perplexidade" e "incredulidade", depois de uma remodelação que "era uma ocasião excecional para virar a página", em que o primeiro-ministro "não podia voltar a perder a face, tinha que ser exemplar na escolha" e, em vez disso, o que acontece é uma repetição de uma "seleção política pouco sustentada".

"É difícil de explicar", diz a investigadora, sublinhando que esta sucessão de casos "demonstra incúria, incapacidade política e sem plano técnico quem tem de escolher não tem capacidade para fazer o mínimo, que é avaliar se aquela pessoa tem condições para exercer o cargo". "Ou tudo isto está a ser feito apressadamente e sem o devido cuidado ou há um excesso de otimismo de que a maioria absoluta, por si só, permite superar tudo", conclui Paulo do Espírito Santo.

Para a investigadora não se pode afirmar, à partida, que os independentes não são mais adequados a um cargo governativo do que aqueles

que têm cartão do partido. A questão põe-se mais num plano da "ética, de transparência e isso é transversal" aos dois perfis. Mas é precisamente isso que tem faltado: "Há alguma incapacidade de as pessoas distinguirem o que é serviço público, o que é a transparência das decisões, prestação de contas".

#### "Uma caricatura política"

Já Adelino Maltês confessa-se "pesimista" e fala numa situação que se assemelha ao "pior de uma caricatura política do século XIX". "Se calhar precisamos de estudar melhor o Camilo Castelo Branco".

"Ent ramos em desleixo de regime e pouco íntimos", sustenta o politólogo, que aponta o dedo a uma "oligarquia política" que vive em "círculos concêntricos de desviduidade aos cargos de poder. Há uma carreira nova em Portugal, que é comear com o assessor, passar para adjunto, transformar-se em chefe de gabinete, subir a secretário de

**"É inaceitável o país ficar refém do partido a quem deu uma maioria absoluta. E o discurso de António Costa mantendo sempre a ideia de que não se passa nada é inaceitável também."**

Viriato Soromenho-Marques

**"A inclusão de mais ministros políticos [no atual governo] exigia uma muito maior coordenação do próprio primeiro-ministro e do seu gabinete."**

António Costa Pinto

**"Ou tudo isto está a ser feito apressadamente e sem o devido cuidado ou há um excesso de otimismo de que a maioria absoluta, por si só, permite superar tudo."**

Paula do Espírito Santo

**"O eleitorado nunca ameaçou o sistema de a ameaçar, os grandes partidos deviam ter medo de ser derrotados numa eleição. Funcionam melhor quando têm medo."**

Adelino Maltês

Estado. É o chamado funil da partidarização dos partidos dominantes. Há aqui uma degradação no recrutamento político", sustenta Adelino Maltês, em bento do que "aconteceu em alguns países onde o povo, a certa altura, varreu todos os partidos dominantes".

"Foio que fizeram grandes democracias, ficaram fartos e reduzem grandes partidos a ultra minoritários. O eleitorado português nunca ameaçou o sistema e tem de ameaçar, os grandes partidos deviam ter medo de ser derrotados numa eleição. Os partidos funcionam melhor quando têm medo da opinião pública", sustenta, defendendo que a "ética republicana" tem de ser um "sustentáculo" da vida política e que a sucessão de casos que tem acontecido "torna inevitável outro recrutamento político".

**A solução de Costa, de "discutível" a "demagógica"**  
Deste ponto vai impasse às críticas a António Costa pela solução que avançou na Assembleia da República, onde afirmou que iria propor ao Presidente da República a criação de um circuito para "garantir maior transparência e confiança de todos no momento da nomeação".

"Depois do navio meter água vai combinar com o Presidente da República como fazer um recrutamento melhor?", questiona Adelino Maltês, classificando a proposta do primeiro-ministro como um "exercício de demagogia".

Paula do Espírito Santo chama-lhe uma solução "criativa". "Está a colocar o ônus da seleção e do escrutínio dos novos membros do Governo no Presidente da República. É discutível, até no plano do Direito e da configuração do nosso regime político, que é sempre indispensável".

Já Viriato Soromenho-Marques diz que o cenário que António Costa colocou em cima da mesa é "inaceitável". "Não faz nenhum sentido, é uma forma de evasão, de desresponsabilização e de tentar tornar o Presidente cúmplice".

#### "A continuar, vamos mesmo ter eleições antecipadas"

Para Soromenho-Marques o que se passa com o atual Executivo "é uma situação semelhante, nos aspetos mais caríacos" ao que se passou em 2004 com o governo de Pedro Santana Lopes, que acabaria afastado por Jorge Sampaio. Um desfecho que não há nada a fazer: "A continuar assim, vamos mesmo ter eleições antecipadas. Mesmo sem saber quando, vamos ter".

Mas este é um cenário que deixa o país perante uma "situação dramática", não há nada a fazer a este governo. Neste momento não há nenhuma garantia de que, num cenário de eleições antecipadas, conseguíssemos uma solução sólida de governo. O Presidente da República foi claramente isso".

www.fnfrancisco@fpf.pt

100% OTIL  
**Men's Health**

MANTENHA-SE EM FORMA!



@menshealthportugal menshealthportugal

menshealth.pt

**ASSINE 12 EDIÇÕES  
DA MEN'S HEALTH**  
POR APENAS ~~43,20€~~ **29,90 €**

LIGUE 219249999



A ASSINATURA ANUAL É RENOVADA ANUALMENTE E É VÁLIDA DIGITAL. VALORES COM IVA INCLUIDO. CANCELAR SEM VALORES. PREÇO PORTUGAL ATÉ 31 DE JANEIRO DE 2023. NÃO INCLUI O ENVIO COM O SEU SERVIÇO DE ENTREGA. VALOR DA ASSINATURA NÃO INCLUI O ENVIO. PARA MAIS INFORMAÇÕES: [PT@MENSHEALTH.COM](mailto:pt@menshealth.com) OU [WWW.MENSHEALTH.COM/PT](https://www.menshealth.com/pt). INFORMAÇÕES DE CONTACTO: 219249999. CUSTO DE CANCELAMENTO: 20€ (CUSTO COM O SERVIÇO DE ENTREGA INCLUIDO). NÃO É POSSÍVEL CANCELAR O SERVIÇO DE ENTREGA. NÃO É POSSÍVEL CANCELAR O SERVIÇO DE ENTREGA. NÃO É POSSÍVEL CANCELAR O SERVIÇO DE ENTREGA.



Ex-secretária de Estado deixou o governo há pouco mais de um mês.

## Voltar ao privado é "legítimo" diz ex-governante

**COMPATIBILIDADE** Ex-secretária de Estado do Turismo Rita Marques vai administrar empresa que pertence a outra a quem concedeu privilégio.

**A** ex-secretária de Estado do Turismo, Cécília e os Serviços Rita Marques classificou o regresso ao setor privado como "legítimo", apesar de a lei permitir um período de nojo de três anos. Rita Marques, que deixou o governo há pouco mais de um mês, vai agora administrar The Flaggate Partnership, que detém a WOW, uma empresa a qual, enquanto secretária de Estado, concedeu o estatuto definitivo de utilidade turística.

O semanário *Expresso*, na sua edição online avançou este domingo que a ex-governante afirmou igualmente, à SIC Notícias, estar "absolutamente segura das decisões tomadas enquanto secretária de Estado" e também "das que toma na esfera privada desde que deixou o governo". De acordo com a lei "os titulares de cargos políticos de natureza executiva não podem exercer, pelo período de três anos contado a partir da data da cessação do respetivo mandato, funções em empresas privadas (...) relativamente à quais se tenha verificado uma intervenção direta do titular de cargo político".

Rita Marques vai ser administradora do grupo The Flaggate Partnership, com responsabilidades na Divisão de Hotéis e do Turismo.

Rita Marques vai ser administradora do grupo The Flaggate Partnership, com responsabilidades na Divisão de Hotéis e do Turismo.

Na nota divulgada pela empresa, indica-se que "depois de terminar funções como secretária de Estado do Turismo no período de 2019-2022, Rita Marques assume agora funções como administradora da The Flaggate Partnership, com a responsabilidade sobre a divisão dos Hotéis e do Turismo, ficando à frente da gestão de importantes unidades como WOW, o quarteirão cultural de Gaia".

A ex-governante assume, "a partir do dia 16 de janeiro, funções como membro do Conselho de Administração da The Flaggate Partnership com a responsabilidade

sobre a Divisão dos Hotéis e do Turismo", disse a empresa, detalhando que "a cargo de Rita Marques vai ficar a direção do WOW, o quarteirão cultural de Gaia, as Caves da Taylor's e da Fonseca, o hotel The Westman, o Vintage House no Douro, o Hotel da Estrela e o Palácio Chafariz de El Rei em Lisboa, ainda o Museu do Vitol, o Ferry no Rio Douro e os 20 restaurantes do grupo".

Além disso, "a juntar a esta carteira, estará também o novo hotel de luxo que nascerá em Vila Nova de Gaia no final de 2024, e as lojas na baixa portuense".

"Estou muito entusiasmada por me juntar à grande equipa da The Flaggate Partnership. O vinho do Porto é o mais antigo embaixador de Portugal. Estou certa de que construiremos excelentes oportunidades para continuarmos a valorizar o vinho do Porto, promovendo a redescoberta da cidade do Porto e da região do Douro, enquanto destinos vínicos e culturais de excelência", declarou Rita Marques, citada na mesma nota.

Por suavez, Adrian Bridgde, presidente executivo (CEO) do grupo disse que "é um grande honra integrar Rita Marques no grupo Flaggate Partnership, beneficiando do conhecimento e da experiência nas áreas de gestão de negócio e do turismo".



## Opinião Jorge Seguro Sanches

### Tudo ao contrário

Quando a 26 de dezembro escrevi e depois formulei, nas páginas do Diário de Notícias, as minhas expectativas para 2023, estava longe de imaginar que tais votos viessem a ser colocados em causa, de uma forma tão violenta, nestes dias seguintes.

Recordo que, na altura, desejei que "fôssemos capazes de desenvolver ética e política e assim dar mais dignidade ao Serviço Público, fundamental para reforçarmos a nossa democracia".

Os últimos dias e semanas foram quase "tudo ao contrário", daquilo que entendo dever ser o exercício nobre da política e das funções de interesse público e de serviço ao nosso país.

Ser trabalhador ou funcionário público, dirigente da Administração Pública, gestor público ou, em especial, membro do governo, são tarefas profissionais importantes que nos de-

vem deixar orgulhosos, mas acima de tudo que nos devem obrigar a exercê-las com uma exigência que nos considere um exemplo cívico e também ético, para os restantes concidadãos. Não gerir em nada que seja nosso e, em especial por essa razão, temos de o fazer ainda com maior desinteresse pessoal e mais exigência.

Nos casos em concreto, de dimensão política inquestionável, e independentemente da demissão de quem quer que seja, ou da criação de qualquer instrumento de "vetting" sobre candidaturas a uma determinada função, exige-se sentido ético e bom senso a quem aceita um qualquer convite para trabalhar num todos nós, sabendo que a sua vida profissional - mas também a de todos os outros que exercem funções de Estado - será vista com mais atenção e exigência para sempre.

O efeito contágio, de quem não avalia individualmente as suas condições políticas, políticas, políticas, magistrados, juizes e tantas outras profissões) e a presunção de inocência é uma espécie de espanto ou compromisso de onda. Vai de muito a pouco ou mesmo de tudo a nada. Oguiédo totalmente inocente quando em causa está o beneficiário da benficia e nada inocente quando em causa está o prejuízo do Benfica. Rapidamente e retiram-no da presidência. Comose não houvesse problema nenhum em roubar para o Benfica

Finalmente junto a estes artigos das suas razões fundamentais da sua rejeição e que têm a ver com o efeito que estas ações mal medidas têm na perceção pública de um governo e de uma Administração Pública que têm desenvolvido (e bem) medidas de redução do impacto, na vida dos portugueses, da guerra na Ucrânia e, igualmente, por o facto de que se nos queremos queixar e apontar o dedo, com o mínimo de razão, do crescimento de movimentos populistas e radicais, temos mesmo (todos) de dar o exemplo.

Renovo por isso os meus votos para 2023, de desenvolver ética e política e assim dar mais dignidade ao serviço público, fundamental para reforçarmos a nossa democracia.

Ainda vamos a tempo.

Deputado à Assembleia da República pelo Partido Socialista  
Ex-secretário de Estado da Energia no XXI Governo Constitucional  
Ex-secretário de Estado-Adjunto e da Defesa Nacional no XXI Governo Constitucional



## Opinião Paulo Baldaia

### Quando é futebol, a Justiça até de si própria desconfia?

Soubemos pelo DN que a SAD do Benfica e os administradores do tempo de Luís Filipe Vieira, onde está incluído o atual presidente Rui Costa, foram constituídos arguidos num super-processo que junta os casos dos e-mails, *Vouchers* e *Maka Cão*. A seu tempo saberemos do envolvimento pessoal de cada um dos administradores, nos casos em que exista envolvimento, mas há muito tempo que sabemos que tudo se resume a um alegado esquema para romper tudo e todos e fazer do Benfica campeão de Portugal. E por isso que a investigação procura provas dessas alegados crimes de corrupção desportiva e por isso que a SAD foi constituída arguida, porque seria ela a beneficiária da adulteração do resultado e da venda desportiva nos anos do Tetra.

A deteção de Vieira, num caso onde alegadamente teria havido devio de dinheiro do Benfica, mostrou que para uma parte significativa dos beneficiários (onde poderiam estar incluídos jornalistas, comentadores, políticos, políticos, magistrados, juizes e tantas outras profissões) e a presunção de inocência é uma espécie de espanto ou compromisso de onda. Vai de muito a pouco ou mesmo de tudo a nada. Oguiédo totalmente inocente quando em causa está o beneficiário da benficia e nada inocente quando em causa está o prejuízo do Benfica. Rapidamente e retiram-no da presidência. Comose não houvesse problema nenhum em roubar para o Benfica

e fosse um crime hediondo roubar o Benfica. Coisas do futebol! Já todos sabemos que "o repentinho é muito bonito" e, no caso do Benfica, o regime entende que deve ser servido em doses extra.

Adiante. Sou portista, visto por isso como suspeito nesta matéria, se o que dizem os e-mails o que valiam os *voucher* para que serviam as malas, mas não sou juiz e os meus julgamentos não são passíveis de recurso.

O que me espanta, desta vez, é a disseminação do texto em que se escreve que "este é um processo que estava a ser investigado em Lisboa e que, por ordem superior, passou para o Porto. Algo de que as águas só recentemente tomaram conhecimento." Espanta-me, antes demais, que o Benfica tivesse esgotado a capacidade da investigação ter passado para o Porto, sem que o tenham informado em devido tempo (saudades das *toqueiras*)? e espanta-me a seguir que a razão possa ser outra que não a eficácia da própria investigação. Parece que há quem acredite que a PGR em Lisboa é favorável ao Benfica e a do Porto desfavorável. A Justiça tem cor? Não é o Benfica um clube hegemónico de norte a sul, ilhas e diáspora?

Bem lá atrás podemos ler, em vários jornais, que a administração do Benfica tinha um esquema para aumentar a "influência" controlando de todo o poder, não apenas no futebol, mas também na política na comunicação social. Mais grave ainda, a vontade de "influenciar/controlar" chegava ao judicial. Mas esta é informação que consta de e-mails roubados, pelo que não faz prova em tribunal e, tendo em conta o que podemos ler e ouvir neste fim-de-semana, o Benfica e as investigações podem ficar tranqüilos, a investigação pode ter passado de Lisboa para o Porto, mas o objetivo da constituição de arguidos parece ser apenas de evitar que os prazos se prescrevam. As fontes da notícia tratam de assegurar que está tudo como estava, tanto faz que haja arguidos, como não. O que parece muito estranho a essas mesmas fontes é que tenham colocado o Ministério Público do Porto a liderar o processo. Será a Justiça a desconfiar de si própria ou é só alguém assustado porque pensa que não "influencia/controla" o judicial?

Jornalista

“O efeito contágio, de quem não avalia individualmente as suas condições políticas para o exercício de funções públicas, é algo que não podemos aceitar.”

“Parece que há quem acredite que a PGR em Lisboa é favorável ao Benfica e a do Porto desfavorável. A Justiça tem cor? E não é o Benfica um clube hegemónico de norte a sul, ilhas e diáspora?”



## Opinião Valentim Viegas

# I – Fernão Lopes O descobridor da Primeira Revolução Portuguesa

Foi, precisamente, há 640 anos que se iniciou a Primeira Revolução Portuguesa, designada pelos historiadores de Crise de 1383-1385, Crise Dinástica, e de Revolução de 1383-1385.

Mau grado as conotações políticas que o vocábulo Revolução encerra, recorro que foi o primeiro a chamar e vou continuar a chamar à Primeira Revolução Portuguesa aos intrínsecos acontecimentos revolucionários ocorridos em Portugal, entre 1383 e 1385, porque não se tratou apenas de uma crise dinástica, ou de uma simples ou complexa crise social, mas de uma autêntica Revolução, e também porque nunca existiu outra, antes desta, na História portuguesa.

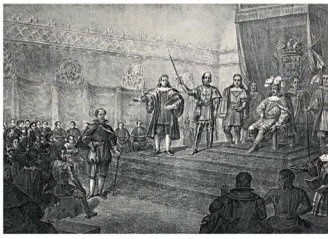
Quem tinha pesquisado, durante muitos anos, em todos os arquivos do país, consultando as fontes manuscritas existentes em Alvão, Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Elvas, Évora, Fronteira, Guimarães, Leiria, Lisboa, Loulé, Melgaço, Montevideo, Óbidos, Ponte de Lima, Portalegre, Porto, Póvoa do Varzim, Santarém, Sintra, Vila Rica, Vila Verde, Castelo de Vila do Conde, Vila Viçosa e Viseu, e lidou as numerosas fontes impressas, em busca de conhecimentos sobre o tema em apreço, decerto dominava uma vastíssima informação respeitante a essa matéria. Contudo, com base exclusivamente nessas fontes, dificilmente poderia concluir que se encontra em presença de uma Revolução.

Só é possível retirar essa inferência, sobretudo, com a leitura atenta da obra de Fernão Lopes em conjugação com as fontes documentais. Cabe ao cronista o mérito de ter descoberto e descrito a primeira revolução que houve na Idade Média, em Portugal. É ele que fornece a essência da matéria — prima que os historiadores estudam, refletem e continuam a explorar.

Tendo escrito quatro crónicas, a de D. Pedro, de D. Fernando e de D. João I, primeira segunda parte, a primeira aparenta ser um ensaio para a obra que reputo de principal primeira parte da Crónica de D. João I.

Nas crónicas de D. João I, Fernão Lopes deita em suspenso os efeitos das declarações reais relativas ao seu casamento com D. Inês de Castro anacônica, à distância, os tempos conturbados por que irá passar Portugal, destacando a figura do Mestre de Avis.

A crónica do *Rei Formoso* é sobretudo rica na verificação dos dados factuais, funcionando como uma unidade e parecendo ter uma finalidade em vista: os principais caminhos dirigem-se ao clima de inquietação patente que antecede os períodos de decisão.



No final dessa crónica, cria uma apatência pela continuação do conhecimento das ocorrências, como que persuadindo o leitor a procurar aquela crónica que constitui a base para a montagem e desenvolvimento sobre os saberes da aquele período contínuo e vivo.

Das quatro crónicas, a primeira parte da crónica do *Rei da Boa Memória* é a mais bem elaborada e completa. Nela existe um dinamismo sequencial que dá à sua leitura atual uma problemática ainda mais densa, depois de tantos estudos acessórios em que se pormenorizou.

Atama da morte do conde Andeiro: ascensão do Mestre de Avis como Regedor e Defensor dos Reinos de Portugal e do Algarve; a cedença do regimento do reino, pela rainha D. Leonor, a favor do rei de Castela; a invasão castelhana e o cerco de Lisboa; a renovação da menagem e a promoção do Mestre de Avis ao cargo de Governador; e a eleição do Mestre de Avis como rei de Portugal, nas Cortes de Coimbra de 1385, são seis polos em que centim a sua narrativa que termina numa expectativa quanto ao futuro.

Dada a natureza dos acontecimentos que se desenrolam, no curto período de quinze meses, esta crónica é mais rica do que a segunda parte, muito embora Fernão Lopes se ocupe, nesta última, de um período mais longo, desde as Cortes de Coimbra até às pazes de 1411.

As Cortes de Coimbra aclamaram o Mestre de Avis como rei de Portugal.

“

Das quatro crónicas, a primeira parte da crónica do *Rei da Boa Memória* é a mais bem elaborada e completa. Nela existe um dinamismo sequencial que dá à sua leitura atual uma problemática ainda mais densa, depois de tantos estudos acessórios em que se pormenorizou.”

Há sobretudo dois temas que dominam esta segunda parte da crónica de D. João I: a Batalha de Aljubarrota e as pazes com Castela.

Executando a primeira parte da crónica de D. João I, verifica-se que Fernão Lopes nem sempre prepara a redação das suas crónicas por assuntos temáticos e previamente encadeados. Escreve de acordo com o que está a narrar, daí a cronologia dos acontecimentos nem sempre andar a par com a narrativa.

Em relação às fontes documentais estudadas, verificamos que é principalmente na primeira parte da crónica de D. João I que Fernão Lopes intercala na sua narrativa os documentos consultados, sendo que os leitores menos familiarizados na sua leitura, dificilmente, se poderão aperceber que estão a ler uma transcrição quase integral do documento. E não considerava que isso fosse condenável ou suscetível de crítica à sua forma de trabalho. Não era, em caso algum, um péssimo!

Sob as condições, a fidelidade ao documento é uma das características marcantes do cronista. Todavia, contrariamente ao que afirma, pode-se comprovar que “mais certidões” se pode alcançar do que a contida nas suas crónicas.

Embora o vocábulo revolução nunca apareça escrito nas suas crónicas, ele revela ter havido uma mudança profunda na sociedade portuguesa, daí, por comparação, ter criado a mesma idade, “na qual se levantou outro mundo novo, e nova geração de gentes; porque filhos d’homens de tão baixa condição que nem compe de dizer, per seu boio serviço e tribuallão, neste tempo foram feitos cavalleiros, chamados de logo de novas linhagens e apellidos” (*Crónica del Rei dom João I da boa memória, Parte Primeira*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1977, p. 308), transformações essas que a documentação comprova.

Estábilido que o objetivo do historiador é a procura da verdade, mas este é um dos períodos mais ricos da história portuguesa, que nos revela como é que as mesmas crónicas, com ou sem apoio documental, podem ter interpretações diferentes, de historiador para historiador, conforme o seu posicionamento político-ideológico, apesar de as outras terem como pano de fundo a busca da verdade.



Modelo de acesso ao Ensino Superior vai ser alterado.

## Acesso ao Ensino Superior: "O modelo atual, não sendo perfeito, é incomparavelmente melhor"

**EDUCAÇÃO** Ex-ministro Nuno Crato critica novo modelo proposto para acesso ao Ensino Superior. Ao DN, diz esperar que prevaleça o "bom senso" e avisa que a eliminação dos exames de conclusão do Secundário "será fator de redução de exigência em toda a escolaridade obrigatória".

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

O governo e os parceiros do setor da Educação estão a negociar o novo modelo de acesso ao Ensino Superior, para ser posto em prática gradualmente a partir do próximo ano letivo e que deverá incluir três exames nacionais, um de cada área, e o fim dos exames obrigatórios para conclusão do Ensino Secundário e um maior peso das provas no acesso à universidade. Assim, os exames para quem quer prosseguir estudos deverão ter um peso de, pelo menos, 50% na nota de acesso.

Mudanças que não agradam a todos e que estão no centro do debate da comunidade educativa, Nuno Crato, ex-ministro da Educação, é uma das vozes críticas, principalmente no que se refere ao final dos exames para conclusão do Secundário. "Se isso acontecer, eu espero que o bom senso e os interesses do país prevaleçam, será um sinal facilitador do ensino a todos os níveis. Mais do que um sinal,

será um fator de redução de exigência em toda a escolaridade obrigatória. E os argumentos não colhem. Parece que estamos no século passado, quando se dizia que não é por avaliar que se progredem nos conhecimentos e que a avaliação aumenta as desigualdades. Hoje sabe-se que nada disso é verdade. Hoje, sabe-se muito mais sobre educação", sublinha.

Atualmente líder do projeto Iniciativa Educação, da fundação da família Soares dos Santos, Nuno Crato apresenta exemplos: "Hoje, com os avanços gigantesco da Psicologia Cognitiva e com a descoberta e estudo do chamado *Efeito Zeigler*, já na primeira década deste século, sabe-se que a avaliação desempenha um papel crucial. A avaliação externa reforça a avaliação interna e a chamada avaliação formativa. Todas elas incentivam e reforçam o estudo. Sabe-se também hoje, sobretudo depois dos inquéritos internacionais PISA, que começaram em 2000, e dos inquéritos internacionais TIMSS, que começaram em 1995, que as ava-

liações nacionais, os exames, ajudam os países a progredir".

O antigo responsável pela pasta da Educação no governo de Passos Coelho entende que "os exames nacionais introduzem um grau de exigência nacional e ajudam a abrir os critérios das escolas e os critérios dos professores com os critérios nacionais. Não desempenham apenas um papel certificador – desempenham também um papel regulador", sublinha.

"Os exames nacionais introduzem um grau de exigência nacional e ajudam a aferir os critérios das escolas e dos professores com os critérios nacionais", defende Nuno Crato

Ainda sobre a eliminação das provas, Nuno Crato vai mais longe e afirma que, a concretizar-se, vai criar "um país a duas velocidades: com um pouco mais de exigência para os que pretendem seguir um curso superior e muito menos exigência para os que não têm isso no seu horizonte e que são estatisticamente, e provenientes de famílias de menor escolaridade".

**Contingente para alunos carenciados? "Facilidades artificiais não os beneficiam"**  
A mudança do peso das provas nacionais no ingresso no Ensino Superior (para um mínimo de 50%) também não colhe simpatia do ex-governante e nem o argumento de que resolveria a alegada injustiça provocada pela inflação das notas dos alunos do privado convence. "A única coisa que pode fazer, e não em relação apenas ao privado, é que potencia essa injustiça para os alunos que não prosseguem estudos. Ou seja, potencia a ilusão de uma formação adequada precisamente para

aquelles que mais dela necessitam", explica.

A proposta dos ministérios do Ensino Superior e da Educação prevê também um contingente especial para os alunos mais vulneráveis, de 1% de vagas nos cursos com mais alunos e de, pelo menos, uma vaga nos que são menos procurados pelos estudantes. Uma medida que, diz a Tutela, faz com que os alunos carenciados tenham uma posição preferencial no acesso ao ensino superior, embora sujeitos também à realização dos exames.

"Um por cento? Que generosidade! É para ser sarcástico? Não se conhece ainda a medida, e por isso não posso comentá-la. Mas, em geral, a ideia de facilitar artificialmente a vida escolar dos jovens com dificuldades económicas não os beneficia. O que é importante é introduzir medidas de apoio para esses jovens, de forma a ajudá-los a alcançar os conhecimentos e capacidades necessários para o sucesso escolar", sustenta Nuno Crato.

Questionado sobre o modelo mais adequado de acesso ao Ensino Superior, o antigo governante é perentório: "O modelo atual, não sendo perfeito, é incomparavelmente melhor que o fim dos exames de conclusão do Secundário".

**"Fracca formação dos futuros professores será um problema grave a curto prazo"**

A falta de professores é um dos maiores problemas no setor da Educação. Uma realidade que já afeta todas as zonas do país, mas que é mais grave em Lisboa e no Algarve.

"Trata-se de um problema há muito anunciado", diz Nuno Crato. "Conhece-se há uns 20 anos. Lembro-me de falar continuamente desse tema desde 2006. Em 2013 e em 2014 foram alterados os regimes de acesso à profissão e das habilitações para a docência tendo explicitamente em conta a necessidade de formação de novas gerações de professores", refere.

Contudo, a maior preocupação do ex-ministro da Educação prende-se com a necessidade de recorrer a professores sem formação para fazer face ao problema. "Asscassem de professores é grave. Mas, a médio prazo, a formação acelerada e a contratação de candidatos menos bem formados será uma verdadeira calamidade. Os professores, existindo um currículo e uma avaliação nacional de qualidade, são o fator decisivo para a qualidade de formação dos nossos alunos. Professores com domínio deficiente das matérias que irão ensinar e com uma formação geral deficiente são professores que não prestam um bom serviço. Mais uma vez, a formação dos nossos jovens deve estar em primeiro lugar", defende.

Para Nuno Crato "a fracca formação dos futuros professores será um problema grave a curto prazo".

dn@gnj.pt

# Joana Bordalo e Sá

## “Não é difícil colocar as reivindicações dos médicos em marcha. Tem é de haver vontade política”

**SAÚDE** Os sindicatos médicos voltam a sentar-se à mesa das negociações com o ministério esta tarde. A nova presidente da Federação Nacional dos Médicos diz estar com esperança no processo, e que não seja necessário tomar posições mais graves.

ENTRE VISTA ANA MAFALDA INÁCIO

**M**édica no Instituto Português de Oncologia do Porto, com a categoria de assistente hospitalar graduada, Joana Bordalo e Sá assume a presidência da Federação Nacional dos Médicos (FNAM) aos 44 anos. A médica do Serviço Nacional de Saúde (SNS) acredita no serviço público e diz que a estrutura que agora dirige está a trabalhar para que na próxima década a população possa ter um SNS mais capaz, com melhores respostas e sem burocracias excessivas. Joana Bordalo e Sá é também coordenadora do Internato Médico no Serviço de Oncologia Médica, no IPO do Porto, mestre em Medicina e Oncologia Molecular pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e docente esterior do ICBAS. UP416 dezembro foi presidente do Sindicato dos Médicos do Norte.

**Assume a presidência da FNAM numadas alturas mais críticas do SNS e quando se discutem medidas médicas e grevistas salariais. Neste início de 2023, como olha para o serviço público em Portugal e para o papel dos médicos na sociedade portuguesa?**

Vivemos uma fase muito crítica do SNS e é natural que os médicos tenham uma opinião muito crítica do SNS e, sobretudo, do que é a realidade. O acordo de trabalho dos médicos tem uma década e tem de ser atualizado emelhonho. O que possidizer que a degradação do SNS que assistimos na última década é da responsabilidade de dois sucessivos go-

vernos, independentemente da cor política. Nunca foram tomadas medidas para cativar os profissionais e tomar o SNS atrativa, e não falamos de medidas para os médicos, mas para os profissionais em geral. O resultado é a desbandada de profissionais do SNS, que se tem vindo a agravar. E este problema não tem só a ver com o número de médicos que se vão reformar, que está a aumentar com o número de especialistas que também estão a sair. O problema são os jovens médicos, porque estamos forma jovens especialistas que, para a simpatia, não querem ficar no SNS. Não há motivação para ficarem, e um emigrar e outros vão para alternativas no setor privado. Isto tem a ver com as condições de trabalho e salários. É preciso perceber que os médicos não pretendem uma vida mais saudável e equilibrada, entre a vida profissional e familiar, o que hoje não é possível no SNS.

**Mas se tivesse de definir o SNS e o papel do médico na sociedade portuguesa como o melhor?**

Em relação aos médicos, que continuam a ser fundamentais no SNS. Todos os profissionais de Saúde trabalham de forma colaborativa e todos são importantes, quer sejam médicos, enfermeiros, técnicos auxiliares de diagnóstico, farmacêuticos, outros técnicos superiores, auxiliares, administrativos, etc. Todos fazem parte de uma equipa. Agora, é evidente que os médicos não é possível haver um Serviço de Saúde,

Não há outro profissional que nos consiga substituir em termos de decisões. Todas as peças são importantes, mas os médicos têm um papel fundamental no SNS e no SNS. **Acredita que esse papel fundamental se mantará no futuro?**

Claro. E a FNAM está a trabalhar para isso. No sentido de manter o SNS de pé e com condições dignas de trabalho salariais, para que tenhamos médicos suficientes e possam prestar um bom serviço aos doentes e aos utentes.

**Olhando para a última década, o que falhou e levou à degradação que hoje se assiste?**

O não haver investimento em infraestruturas e nos equipamentos. A falta de organização nos serviços – sobretudo nos hospitais, por que

*“É preciso muito bom senso e ponderação na reorganização dos serviços, o que não está a ser feito diminui a acessibilidade da população aos serviços e implica que os médicos se desloquem para outros serviços.”*

## Em defesa dos médicos, da carreira médica, da carreira médica do SNS e dos utentes

Sindicato

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS

participa em negociações de defesa do SNS

organização de defesa do SNS



**Nas negociações com a tutela, o que é importante assegurar para os médicos?**

Para nós, os pontos-chave são: um horário base que respeite os tempos de descanso – toda a Administração Pública tem um horário base de 35 horas, os médicos são únicos que têm de 40 horas, o que não se compreende. Queremos olhar a ter de dedicação exclusiva, mas opcional e majoritária, não uma dedicação plena, como o que o governo pretende e que ainda não percebemos bem o que é. Uma coisa definida é que não vamos aceitar nada que pressuponha mais horas de trabalho, porque o que pretendemos são horários de trabalho mais equilibrados, possíveis de compatibilizar com a vida pessoal e familiar. O horário é um ponto-chave. Outro é a efetivação da progressão na carreira, com processos ágeis e diligentes. Não pode acontecer abrir-se um concurso e só passados três anos que este é efetivado. É ainda importante a reposição do tempo de férias, para os 25 dias, era o que os médicos tinham e deixaram de ter. Antigamente, quando um médico tinha férias na época baixa tinha mais cinco dias de férias por ano. Esta medida tem zero impacto orçamental e pode ajudar a resolver aspetos mais críticos, do Natal e período de verão. No fundo, isto seria repor um direito que nos foi retirado. Depois, há ainda a implementação da lei de reforma, tendo em conta a nossa atividade e os fins da vida de trabalho, trabalhamos mais

serviços de proximidade na sua área de residência. Por isso, fazemos que é preciso muito bom senso e ponderação, o que não está a acontecer agora. O que está a ser feito diminui a acessibilidade da população aos serviços e implica que os médicos se desloquem para outros serviços.

#### Como é que a FNAM resolveria a situação?

O que tem de haver é profissionais em número suficiente nos devidos hospitais, sejam deslocais, do interior ou fora dos grandes centros, para que não se tenha de concentrar serviços ou os médicos tenham de se deslocar. Isto só acontece porque há carência de médicos nestes locais e sabemos bem o que significa fechar serviços públicos em zonas que já são muito carenciadas. Só vai contribuir mais para a desertificação da população. É preciso criar condições para que haja médicos nestes hospitais. Neste sentido, esta reorganização é uma medida paliativa, porque está a tratar o sintoma e não a raíz do problema. Os profissionais são precisos nos hospitais e nos centros de saúde para que a população não tenha de deslocar qual o melhor para ter acesso a cuidados.

#### Estas medidas são aceitáveis ou deveriam ser tomadas outras em conjunto com quem está no terreno?

Estas medidas estão a ser tomadas porque não foram em contidas outras soluções, mas, mais uma vez, está a tratar-se o sintoma e sem sinais de que a questão de fundo está a ser resolvida. A Direção Executiva do SNS emite deliberações através de deliberações sobre a reorganização de serviços que envolvem matérias laborais sem ouvir os sindicatos, o que é grave. Os sindicatos têm de ser ouvidos, e mais: estamos completamente disponíveis para fazer parte da solução. Há uma negociação em curso e não tem lógica estar a publicar-se deliberações de forma completa e unilateral.

#### Perante isso há alguma esperança nas negociações? A FNAM tem dito que quer uma negociação séria, o que é isso?

Em relação à negociação em si, te-

mos esperança. Temos quatro assuntos em câmara mesa: os normativos particulares de organização de trabalho, a valorização do trabalho no Serviço de Urgência, a dedicação plena, que é a tal figura que o governo apresenta ainda ninguém percebeu que é, e as grelhas salariais, que são também incluídas graças a um fim-lança dos sindicatos. A forma como se está a negociar não está a ser incorreta. Além, vivemos com bonsolhos o facto de de Manuel Pizarro (ministro) estar com uma mesa das negociações, o que é muito diferente da situação anterior. Portanto, temos esperança nesta negociação e esperamos não ser obrigados a tomar medidas mais gravosas, que não são do interesse de ninguém. A FNAM quer uma negociação séria e ceder. Uma negociação em que os nossos objetivos também possam vir a ser cumpridos. Temos trabalho feito, propostas com reivindicações que enviamos ao Ministério da Saúde e que esperamos ver algumas atendidas já que têm exatamente a ver com condições de trabalho e grelhas salariais. Não é difícil colocar as reivindicações dos médicos em marcha. Tem de haver vontade política para que isso aconteça.

#### O que esperam que aconteça nesta reunião?

Esperamos que alguns dos trabalhos e das propostas que temos em curso e que apresentamos sejam validados. Queremos fazer parte da solução e não do problema e esperamos poder anunciar algumas medidas. Neste momento, há dois grupos de trabalho, com elementos dos dois sindicatos médicos e da tutela, a trabalhar nas grelhas salariais e reorganização e de plano de trabalho em dimensão da lista de utentes. Esperamos que funcionem, porque que espero como médica e presidente da FNAM é que na próxima década tenhamos um SNS que não tem lógica estar a publicar-se deliberações de forma completa e unilateral, um SNS que se mantenha público e universal, sem barreiras no acesso, e acima de tudo, que preste uma boa qualidade de serviços aos utentes e aos doentes.

amaf@dn.pt

## Médicos vão eleger órgãos da Ordem

Mais de 60 mil médicos vão chamados a votar nas eleições, que vão decorrer entre 10 e 19 de janeiro, para eleger o novo bastonário para o triénio 2023/2025. Na disputa alocam, ocupado nos últimos seis anos por Miguel Guimarães, há seis candidatos não eles: Rui Nunes, Alexandre Valentim Lourenço, Bruno Maia, Carlos Cortes, Paulo Pinto e Jaime Branco.

Além de elegerem o bastonário, os 61 133 médicos inscritos na Ordem vão também poder eleger os órgãos sociais da Assembleia de Representantes, do Conselho Superior, os órgãos regionais e sub-regionais dos Conselhos Disciplinares. Caso tenham dois candidatos a bastonário o tenha a maioria necessária, haverá uma segunda volta a 17 de fevereiro, diz a sua fonte oficial da Ordem dos Médicos.

Entre os candidatos, os temas mais referidos durante o período de campanha foram "a valorização da classe médica", a "reforma profunda e estrutural" do sistema de saúde, a necessidade de uma Ordem "mais moderna", "autónoma", "independente", "interventiva" e "próxima dos utentes e aberta à sociedade" e ainda "um sistema de saúde inclusivo nas suas várias componentes - pública, privado e social".

## Turistas chineses vão a Macau vacinar-se

Turistas chineses admitiram que vão a Macau à procura de uma vacina "mais eficaz" contra a covid-19, numa altura em que a China enfrenta uma onda de infeções sem precedentes. Gin Fan, analista de cripto-moeda em Shenzhen, cidade da Província de Guangzhou, no sul da China, quando em meados de dezembro 1300 dólares de Hong Kong (cerca de 165 euros) para ter acesso à vacina da Pfizer/BioNtech em Macau.

A ida de Gin Fan a Macau começou a ganhar forma quando viu uma publicação no WeChat, rede social chinesa equivalente ao WhatsApp, que referia a possibilidade de ser vacinado no hospital da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (USTM), através da farmacêutica de Hong Kong, GlaxoSmithKline, responsável pela distribuição da vacina da Pfizer/BioNtech no território. "Fiz alguma investigação e as vacinas mRNA têm anticorpos que atuam durante mais tempo do que as vacinas inativadas", apontou a jovem, admitindo que o processo de marcação em Macau "não foi complicado".

Não foi a única, há outros casos. Segundo as autoridades de Macau, 122.671 doses de vacinas foram já administradas a turistas locaismente.

anos do que os outros profissionais da Saúde, já nem falo em horas.

#### Éo que é necessário para salvaguardar o SNS e os utentes?

Em relação ao SNS e utentes o que é preciso é haver recursos humanos suficientes e com qualidade. Sem recursos humanos também não é possível um SNS com milhões de respostas. Portanto, diria que é preciso um SNS organizado de forma a conseguir chegar a toda a população. É não é a concentração na falta de serviços de Urgência que mudamos alguma coisa. É preciso garantir que os cuidados primários funcionem, que há médicos de família para toda a população e que a população tem

FOTOGRAFIA: JORNAL AMANHA

# GIRO CAIXA

## A MAIOR TAXAÇÃO DO MERCADO EM COMPRA DE OURO E PENHORA

NOVA INAUGURAÇÃO

LISBOA - Rua Diogo Couto 6a

também em LISBOA BENFICA . SETÚBAL . LOURES . AMADORA . ALMADA . BARREIRO



# Rumo ao Polo Sul sem esquecer Dante e as portas do inferno

**CIÊNCIA VINTAGE** Estendendo-se por 25 anos, o mundo assistiu àquela que ficou conhecida como a Idade Heroica da Exploração Antártica. Nesse contexto, a 9 de janeiro de 1909, quatro homens ficaram a bandeira britânica a poucos quilômetros do Polo Sul geográfico. A comandá-los estava Ernest Henry Shackleton.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

Em 1992, Impelido pelo seu "crebro" robótico, *Dante* bateu com oito pernas pantofálicas o solo da cratera de Erebus. Ébebo, personificação da escuridão, uma das divindades primordiais da mitologia grega, apelida desde o século XIX, aquele que é o segundo vulcão mais alto da Antártida, depois do Monte Sidley, e mais meridional do planeta Terra. Após o transporte até aos 3.790 metros de altitude, cume do Monte Erebus, o robô exploratório iniciou a descida rumo ao lago de magma. Construído na Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, *Dante* levou para a cratera ainda adormecido Erebus uma missão da ciência robótica e mais outra da vulcanológica. *Dante* provouva demonstrar as virtudes da exploração com recursos a robôs em ambientes extremos, as capacidades de locomoção nesses contextos e a autossustentação. Paralelamente, recolheu amostras de gelo no interior da cratera e mediu a radioatividade dos materiais ali presentes.

Oitenta e quatro anos antes, num mundo que ficcionava a robótica como uma maravilha futura, olhos humanos espetaram um punho no interior da cratera de Erebus. O momento inaugural deu-se a 9 de março de 1908, no verão austral antártico, quando a temperatura média rondava os -20°C. Dois dias antes, um grupo de homens parou à conquista do cume do vulcão. O dossel branco do gigante do sul fora descoberto, aquando de uma erupção em 1841, pelo explorador polar e oficial da Marinha Britânica, James Clark Ross, que a avistara a bordo do navio *HMS Erebus*. O nome seria aperfeiçoado em homenagem ao nome da nave. Por seu turno, o mapa da Ilha de Ross, nos limites continentais da Antártida, ganhou o seu contorno mais robusto, o Erebus, a par do Monte Terror.

Aquela que ficou conhecida como a Idade Heroica da Exploração Antártica, período delimitado pelos finais do século XIX até à década de 1920, assistiu a um frenesim de explorações geográficas e científicas, marítimas terrestres ao extremo sul do planeta. Em 1841, a bordo do que, entre 1907 e 1909, prometiase a bandeira britânica ao Polo Sul

**A 9 de janeiro de 1909, após mais de 70 dias de caminhada, em pleno planalto polar, a equipa de Shackleton ficou a bandeira da Union Jack.**



do planeta. Não o conseguiu, mas estabeleceu um nó o recorde rumo ao limite mais a sul da Terra. A 9 de janeiro de 1909, a bandeira adoeceu nas coordenadas 88°23' S a 180 Km de distância do Polo Sul. O momento, fixado em fotografia, revela-nos três homens: o médico Eric Marshall, oficial da marinha Jameson Adams e o marinheiro Frank Wild, todos eles britânicos magros e andrósios, numa imagem de glória, dor e sofrimento. Do outro lado da objetiva encontrava-se o promotor da expedição, aquele que em 1906 irracionalmente Inglaterra a angariação de apoios para a empresa que almejava conquistar o Polo Sul. O anglo-irlandês Ernest Henry Shackleton, nascido em 1874, não era um estreado e as paisagens solitárias do sul. Era, contudo a primeira vez que se lançava por mar próprio rumo ao Polo. A Expedição Nimrod (ou Expedição Antártica Britânica), em alusão ao navio que empreendeu caminho até à Antártida, nasceu de um desejo de conquista a par do desaire que acometera Shackleton nos primeiros anos do século XX. Em 1903, como oficial subalterno do explorador e oficial

da marinha britânica Robert Falcon Scott, o jovem Shackleton viveu na condição de abandonado a expedição Antártida (1901-1904) a bordo do navio *RRS Discovery*. Aos 29 anos, o oficial sofria de esgotamento físico, condição que seria mais tarde recordada por Scott no livro *The Voyage of Discovery* 1905.

Em 1906, Ernest Shackleton trabalhava como relações públicas para a magnata da indústria rural, o anglo-escocês William Blandine. Em paralelo, o homem que se sentira humilhado pelas palavras

**A 4 de janeiro de 1909, após perder todos os pôneis, com víveres minguantes, e ainda distante do Polo Sul, Shackleton aceitou a sua sorte: não alcançaria o ponto mais a sul do planeta.**

de Scott, procurava patrocinadores para a expedição que planeava aos cerne gelados do sul, empresa que Shackleton estimava em 30.000 libras, com o objetivo de alcançar o Polo Sul Geográfico e o Polo Sul Magnético. O explorador nutria a esperança de ganhos futuros, com a venda de um livro e de selos postais decorrentes da expedição, assim como os proventos de palestras. Sem o apoio da inglesa Royal Geographical Society, a expedição contou com empréstimos privados e contribuições individuais, como os de Bendmore, de Edward Guinness (patriarca da família anglo-irlandesa de cervejeiros), do oficial do exército britânico Philip Brocklehurst e, mais tarde, dos governos da Austrália e da Nova Zelândia.

Antes, Shackleton havia de encontrar o navio que levaria homens e equipamentos até aos limites do continente antártico, assim como contratar uma tripulação. A resposta para o transporte marítimo chegou da Noruega. O 'velhinho' *Nimrod*, navio baleeiro de 11 metros de comprimento, construído na Escócia em 1867, maltratado pelo tempo, mas a um preço ace-

sível aos bolsos de Shackleton, teria de servir à viagem de dezenas de milhares de quilômetros. Restaurado em Inglaterra, *Nimrod* acolheu uma tripulação heterogênea. Entre os já citados, sublinhe-se a presença do geólogo australiano Douglas Mawson, futuro promotor da Expedição Antártica Australasiática, entre 1911 e 1914. Nos porões do navio também embarcaram pôneis da Manchúria, cães de trenó e um selo não autorizado para locomoção no gelo.

No verão de 1907, o *Nimrod* apertou-se do litoral inglês rumo à Austrália, depois à Nova Zelândia para se embrenhar no oceano Antártico. Em fevereiro de 1908, sediada na Ilha de Ross, no estreito de McMurdo, a equipa Nimrod, enfrentou o inverno austral na cabanamento da pama estele. Finalmente, a 29 de outubro de 1908, Shackleton, Marshall, Adams e Wild, amparados na carga por víveres com a tração dos pôneis e cães, iniciaram a marcha rumo a sul. Penosa caminhada, estimada em 2.767 Km que armou homens e animais para os conflitos antárticos. A 4 de janeiro de 1909, após perder todos os pôneis, com víveres minguantes, e ainda distante do Polo Sul, Shackleton aceitou a sua sorte: não alcançaria o ponto mais a sul do planeta. A 9 de janeiro, após mais de 70 dias de caminhada, em pleno planalto polar, a equipa ficou a bandeira da Union Jack. O quarto sofreu infeções intestinais e subnutrição. A 28 de fevereiro de 1909, Shackleton e Wild, avistaram o *Nimrod* ancorado ao largo do Cabo Boyd, na Ilha de Ross. A 3 de março, seria a vez do restante grupo expedicionário ser resgatado mais a sul, num posto de realabastecimento de provisões. O navio apontou a sua viagem a norte. No currículo da expedição, a equipa de Shackleton trazia outro marco, e de alcançar o Polo Sul Magnético a 17 de janeiro de 1909.

A 14 de junho de 1908, uma multidão acolheu Shackleton na estação de Charing Cross, com as presenças de Leonard Darwin, presidente da Royal Geographical Society, e a do capitão Scott (a internet possibilita-nos escutar nos o discurso de Shackleton cometido de quatro minutos em Ernest Shackleton-MySouthPole-Expedition.ogg). Dois a anos de depois, a 13 de dezembro de 1911, um navegador norueguês, Roald Amundsen, alcançaria o Polo Sul. Shackleton estabeleceu um novo limite, ao atravessar o continente antártico, empresa gorada no decorrer da Expedição Transantártica Inoperante (1914-1917). A 1 de janeiro de 1922, Ernest Henry Shackleton morreu vítima de um ataque cardíaco. Faleceu a bordo do navio *Quest*, ao largo das atlânticas Ilhas Geórgia do Sul no decorrer da Expedição Shackleton-Bowett. O objetivo de cumprir o navegador o continente antártico.

dn@gn.pt

# Carris vai investir 169,6 milhões de euros em 342 autocarros e 25 elétricos até 2026

**LISBOA** A empresa de transportes públicos tem ainda prevista a extensão da linha de elétrico 15E para Santa Apolónia e para o Jamor e da 24E até ao Cais do Sodré. Os bilhetes vão passar a poder ser pagos através de telemóvel ou cartão de crédito ou débito.

TEXTO ANA MEIRELES

**A** Carris vai investir 169,6 milhões de euros na aquisição de 342 novos autocarros 25-elétricos até 2026. Este montante representa 68% do valor do plano de investimento da empresa para estes três anos, de acordo com o Plano de Atividades e Orçamento para 2023 a que o DN teve acesso.

Os 342 novos autocarros fazem parte da aposta da Carris em ter uma frota mais amiga do ambiente, tendo como objetivo chegar ao final deste ano com um número de "autocarros elétricos e a gás correspondente a quase 50% da frota global" da empresa. Desta forma, o pacote de compras inclui 80 autocarros *standard* elétricos, 37 mini-elétricos, 24 autocarros articulados a Gás Natural Comprimido (GNC), 200 *standard* a GNC e um *standard* a hidrogénio.

"Em 2023 ocorrerá a receção dos veículos cujos processos de aquisição foram já iniciados, nomeadamente 30 autocarros *standard* 100% elétricos e 24 autocarros articulados a Gás Natural Comprimido (GNC)", pode ler-se no Plano de Atividades e Orçamento para 2023. No documento estava ainda programado "proceder à aquisição de 14 autocarros

mini-elétricos", um procedimento que se iniciou ainda no ano de 2022, além de "adquirir 90 autocarros *standard* a GNC, com a chegada de 20 a ainda em 2023, e dos restantes 70 em 2024", refere a Carris.

Do plano da empresa municipal de transportes públicos de Lisboa, faz ainda parte a compra de 15 novos elétricos articulados que servirão para expandir a Linha 15E. Nove destes elétricos chegam já este ano e os restantes seis em 2024. "Posteriormente, pretende-se reforçar a frota de elétricos 'históricos' em 2025 e 2026, com a aquisição de 10 novos veículos de aparência coerente com os elétricos 'clássicos' que constituem uma marca identitária da cidade de Lisboa", refere o mesmo documento.

"A política de investimentos futuros, centrada na renovação da frota de autocarros e de elétricos, que no global se estima em cerca de 169,6 milhões de euros, para o período de 2023/2026, será financiada por receita própria, por recursos de financiamento europeu, a financiamento no Plano de Recuperação e Resiliência, e, quando se verificar necessidade, por outras formas de financiamento, no-

meadamento e junto de entidades multilaterais e/ou junto da banca comercial", refere a empresa de transportes públicos.

## Mais elétrico em Lisboa

Este período de três anos, até 2026, vai ficar também marcado pela extensão de duas linhas de elétrico que já se encontram em funcionamento: a 15E, que atualmente liga o Cais do Sodré a Algés e é a única com veículos articulados, mas também a 24E, que funciona entre a Praça Luís de Camões a Campolide.

De acordo com a Carris, "a curto prazo, pretende-se expandir a

linha de elétrico 24E até ao Cais do Sodré, retomando assim a antiga ligação entre o Chiado (Largo de Camões) e o Cais do Sodré, importante interface intermodal, através da Rua do Alcazar".

No que diz respeito à linha 15E, está prevista também, a curto prazo, a sua extensão, "quer acidental até ao Jamor, garantindo o acesso direto do centro de Lisboa a uma das principais áreas desportivas, recreativas e de lazer da Área Metropolitana de Lisboa, que a oriente, a Santa Apolónia (numa primeira fase)".

"Esta expansão é essencial para garantir a ligação a um dos principais nós ferroviários de Lisboa, um interface essencial para dezenas de milhares de pessoas que diariamente chegam a Lisboa em serviços de comboio suburbanos, regionais, nacionais e até internacionais, facultando desta forma a ligação da rede de elétricos da Carris à rede transeuropeia de transportes. Este prolongamento permite ainda servir o Terminal de Cruzeiros de Lisboa, um ponto de entrada de milhares de turistas em Lisboa que passam assim a beneficiar de uma ligação em transporte público à Bairra Pombalina, ao Cais do Sodré e à zona de Belém", explica a Carris, adiantando que em estudo está a extensão desta linha até ao Parque das Nações.

**A Carris pretende chegar ao final do ano com um número de autocarros e elétricos a gás correspondente a quase 50% da sua frota global.**

## BREVES

### Novo túnel do Rio da Vila pronto em setembro

O novo túnel do Rio da Vila, no centro do Porto, deverá estar pronto em setembro e terá cerca de seis metros de diâmetro, servindo para a elevação as águas da futura construção da nova estação da Linha Rosa do metro. No total, o novo desvio do Rio da Vila, a cargo da Metro do Porto no âmbito da construção da Linha Rosa (São Bento - Casa da Música), terá um túnel com o comprimento de 536 metros, dos quais 170 já estão escavados. O Rio da Vila, que desagua no Douro na zona da Ribeira, formava-se na zona da atual Praça de Almeida Garrett, em frente à Estação de São Bento, com cursos de água vindos do Marquês e da Fontinha, que acabaram encanados com o desenvolvimento urbano da cidade.

### Populações exigem reposição de ponte

As populações das aldeias de Monteiros, Vila Pouca de Aguiar, e Veral, Boticas, reclamaram ontem a reposição da centenária ponte de arame que as une e que vai ser retirada devido ao enchimento da Barragem do Alto Tâmega. Residentes de Veral atravessaram a ponte sobre o Rio Tâmega, tendo alguns vizinhos de Monteiros à espera do outro lado. A chuva não demoveu os populares que tinham marcado um almoço convívio na aldeia de Monteiros. O encontro serviu também para sensibilizar a beróndia e o governo para a necessidade de encontrar uma "solução viável" para a travessia do Rio Tâmega e a manutenção das relações de proximidade entre os habitantes das duas aldeias. É uma ponte de memórias e histórias de vida. Os residentes trabalham de um lado e do outro, cultivam terrenos de ambos os lados e partilham festas e encontros.



A Carris vai começar a receber autocarros novos ainda no decorrer deste ano.

### Pagar bilhetes por telemóvel ou cartão bancário

Tendo como meta o ano de 2026, a Carris também pretende levar a cabo uma reestruturação do seu sistema de bilhética e a adoção de novas formas de pagamento dos bilhetes. Uma das principais mudanças diz respeito "a soluções de desmaterialização", ou seja, "viabilizando o pagamento por telemóvel ou outros meios convenientes para o passageiro, nomeadamente a utilização de todo o tipo de cartões a débito/crédito, abridno a possibilidade de venda de bilhetes por terceiros com vista ao crescimento de soluções de mobilidade como serviço".

Outra grande novidade é a implementação de máquinas de venda automática, "por forma a aumentar e diversificar a rede de vendas".

ana.meireles@dn.pt



Para este ano prevê-se o arranque de projetos eólicos com capacidade de 250MW.

## Novos projetos verdes com potência para fornecer um milhão de casas

**ENERGIA** Para este ano está prevista a instalação de 2 GW de energia renovável. O solar vai liderar, mas 2023 deverá ficar marcado pelo arranque das primeiras centrais de hidrogénio verde.

TEXTO SARA RIBEIRO

Este ano, deverão nascer em Portugal projetos de energia renovável com um total de nova potência instalada de 2 gigawatts (GW), o suficiente para alimentar cerca de 82 milhões de habitantes. O solar vai continuar a dominar os investimentos, mas a produção de energia elétrica a partir do vento vai ganhar peso, estando previstos projetos de cerca de 200 megawatts (MW). Além disso, 2023 deverá ficar marcado como o ano em que vão começar a funcionar as primeiras unidades de produção de hidrogénio verde, sendo esperada a instalação de pelo menos 100 MW, adiantou ao DN/DV o Ministério do Ambiente.

Depois dos três leilões para o solar — o último realizado no ano passado para centrais flutuantes em albufeiras — a instalação de centros eólicas produtoras a partir do sol tem crescido a passos largos. No último ano, a potência instalada de foto-

voltica cresceu 46% para 2,5 GW, o que contribuiu para o aumento da produção renovável a partir do solar em 4%. Um número que representa ainda apenas 5,8% do total de eletricidade em Portugal, mas que tem reforçado a sua importância tendo em conta a atual crise energética e o fecho das centrais a carvão no país.

Nos próximos anos, a tecnologia fotovoltaica vai ganhar ainda mais protagonismo, estando estimada a instalação de cerca de 1,8 GW, quase a totalidade dos 2GW previstos para 2023. Este valor inclui o somatório da potência em projetos com licença de produção atribuída entre junho de 2019 e julho de 2022, mas também as Unidades de Produção para Autoconsumo (UPAC), cuja capacidade instalada no ano passado disparou 130% para 790 MW (0,79 GW), detalhou ao DN/DV a Associação Portuguesa de Energias Renováveis (APREN).

Em 2023 vão começar a funcionar as primeiras unidades de produção de hidrogénio verde, sendo esperada a instalação de pelo menos 100 MW, segundo o governo.

No que toca à energia eólica, prevê-se o arranque de projetos com 250 MW. Estas estimativas, que têm em conta as licenças atribuídas até ao ano passado e consideraando que os atuais prazos legais prevêm um ano entre a atribuição da licença de produção e o início da exploração, incluem maioritariamente sobreequipamentos de parques eólicos existentes.

A Finerge é uma das empresas que tem apostado forte nesta área. A empresa liderada por Pedro Norton revela que neste momento tem "quatro projetos eólicos em construção, com 84,2 MW de capacidade, que entrarão em operação no primeiro semestre deste ano". Além disso, em 2023 irá também arrançar com a construção de 15 projetos: nove de energia eólica e seis de energia solar com conduto prevista entre o final de 2023 e o início de 2024.

A concretizar-se a instalação dos 250 MW esperados, vão somar-se à

atual capacidade instalada de 5667 MW, que pouco tem aumentado nos últimos anos.

Um cenário que poderá ser alterado com os leilões eólicos *offshore* que vão ser lançados este ano pelo governo. Porém, como se tratam de projetos que levam tempo a construir, a entrada em funcionamento demorará alguns anos. O primeiro parque eólico *offshore* em Portugal foi desenvolvido pelo Windfloat Atlantic, consórcio do qual fazem parte a EDR Engie, Repsol e Principle Power. Os três aerogeradores instalados ao longo de Viana do Castelo começaram a funcionar há um ano, mas ainda não avançaram para a fase comercial.

Para 2023, a elétrica liderada por Miguel Stilwell prevê ainda "a entrada em operação de mais de 200 MW de solar eólica, através de projetos de sobre equipamento de parques atuais, da hibridização de parques eólicos, aos quais se adicionará energia solar e, também, com a inauguração da central fotovoltaica da Cerca", revelou.

Já fonte oficial da Endesa referiu que tem desenvolvimento em Portugal três projetos de energias renováveis, mas não devem arrancar este ano. Estes planos preveem um investimento de 800 milhões com um 1 GW de nova capacidade, e têm data de entrada em exploração prevista, de maneira faseada, entre 2024 a 2026.

### H2 sai do papel

O hidrogénio verde tem sido uma das principais bandeiras do atual governo. Para acelerar o desenvolvimento desta tecnologia, o Executivo vai lançar no segundo semestre deste ano o primeiro leilão de gases renováveis.

Segundo o gabinete de Duarte Cordeiro, é esperado que em 2023 arranquem as primeiras unidades e que "estejam instalados pelo menos 100 MW" da capacidade de produção de 500 MW prevista nos projetos que já foram anunciados. Na área do hidrogénio verde, fonte oficial da Galp revelou ao DN/DV que em breve deverá ser tomada a decisão final de investimento no projeto de 100 MW para a produção em refinaria de Sines.

Atualmente, estão instalados 16,5 GW de energia limpa em Portugal, um valor que representa uma subida de 7,4% face a 2021 mas que ainda está muito longe dos 35 GW de potência renovável que o governo ambiciona chegar até 2030.

Para cumprir esta ambição, o presidente da APREN avisa que é preciso "passar das palavras à ação" para resolver obstáculos no licenciamento e na rede elétrica. "Nos últimos 20 anos Portugal instalou entre 10 e 12 GW de potência elétrica renovável. Agora é preciso instalar, no mínimo, quase o dobro para chegar aos 35 GW até 2030", referiu Pedro Amaral Jorge.

sara.ribeiro@dn.pt | sara.ribeiro@dn.pt

# Brasileiros à conquista de fábricas portuguesas de calçado

**INDÚSTRIA** Portugal ocupa o *Top-3* dos destinos de exportação da indústria de componentes brasileira, indicador que se pretende reforçar com a feira InspiraMais, onde participam também indústrias portuguesas.

TEXTO **LÍDIA PINTO**

A indústria brasileira de componentes para calçado quer ser cada vez mais a escolha das empresas portuguesas em alternativa às importações asiáticas, assumindo-se como uma "forte opção com preços competitivos e com propostas inovadoras sustentáveis", tanto ao nível das peles animais, como das equivalentes de origem vegetal. Portugal é já o terceiro maior destino das exportações de componentes brasileiros, mas o setor está apostado em reforçar essa ligação. E entre os 31 profissionais estrangeiros convidados a visitar a InspiraMais, o salão de inovação e design de materiais liderado na América Latina, que decorre a 24 e 25 de janeiro em Porto Alegre, estão duas empresas portuguesas, a Plumex e a SB Group.

Só nos primeiros dez meses de 2022, o Brasil exportou componentes no valor de 251 milhões de euros, para um total de 330,5 milhões de euros, 14% acima do verificado em igual período do ano anterior. Os dados são da Assintecal - Associação Brasileira de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos, cujo responsável pelos mercados de procura externa, Maria Júlia, aponta o "aumento dos custos dos transportes, especialmente da China para os países da América Latina", mas também para a Europa, como "a grande razão" para este crescimento de procura externa.

A Argentina é o principal destino das exportações brasileiras do setor, com compras de 65,7 milhões de dólares (63,6 milhões de euros) entre janeiro e outubro, um aumento de 37% face ao período homólogo do ano anterior. Curioso é o segundo maior comprador foi a China, com importações de 65,7 milhões, mas que representa uma quebra de 14% em relação a um ano antes. Há a não esquecer que a China tem tido alguma dificuldade em ultrapassar os efeitos da pandemia e dos vários confinamentos decretados.

Por fim, Portugal ocupa a terceira posição, com compras de componentes brasileiros no valor de 43,3 milhões de dólares (40,8 milhões de euros) o que repre-



Portugal é já o terceiro maior destino das exportações de componentes brasileiros.

senta um crescimento de 36% face ao período de janeiro a outubro de 2021.

Diz a Assintecal que "a surpresa do ano" está no comportamento dos Estados Unidos, país que ultrapassou a Colômbia e ocupa agora a quarta posição nos maiores destinos das exportações do setor, com quase nove milhões de dólares (8,5 milhões de euros), um acréscimo de 56% face a 2021.

Os produtos químicos para tratamento de peles, os couros e os químicos para calçado e colas são os artigos mais exportados.

## Portugueses apostam

Com duas exceções anuais, os salões InspiraMais assinala a sua 27.ª edição a 24 e 25 de janeiro, contando com a presença de 150 expositores e um espaço paralelo de apresentações sobre sustentabilidade, moda, negócios nacionais e internacionais, empreendedorismo e inovação. A esmagadora maioria dos compradores internacionais convidados a visitar o certame são da América Latina, mas, da Europa, haverá ainda, além da Plumex e do SB Group, as espanholas Pretty Ballerinas e Asuncion Sanchez Jaen.

Os empresários portugueses vão à procura de soluções "mais eficientes e ecológicas", mas também "empresas que estejam à procura de novas oportunidades de negócio. Bruno Silva, CEO do SB Group, um "cluster de empresas", criado em 2003, e que se dedica ao fabrico de calçado para homem, senhora ou criança em regime de *private label*, assume que

pretende encontrar parceiros ou potenciais fornecedores, mas também "empresas que estejam à procura de agentes representantes na Europa".

Com uma faturação de oito milhões de euros, o SB Group detém as marcas Bunker, Xica da Silva, Galibelle e Nuno Gama. Em outubro de 2021 adquiriu a brasileira Hang Loose, detendo a licença oficial da marca para todo o mundo, à exceção do Brasil, não só para o calçado, mas também para vestuário, acessórios e pranchas de surf.

Já Henrique Carlos, responsável da Plumex, vai ao Brasil à procura de fio de nylon, lycra, poliuretano e peles "a preços que não tenham oscilações tão grandes quanto aquelas que temos neste momento". Especialista em sapatos de malha, a empresa de Pombal foi evoluindo e diversificando a sua oferta, sempre no segmento de conforto, com molinhas em elastano e em couro. A mais recente aposta foi o desenvolvimento de sapatos para diabéticos, sem costuras e com peles da mais elevada qualidade, e que "estão a ser muito bem aceites no mercado europeu".

lídia.pinto@diariodenovos.pt

## Compras com cartão subiram 25% no Natal

Os portugueses gastaram mais neste Natal e Passagem de Ano, face ao ano anterior. De acordo com o relatório da REDUNIQ, da UNICRE, entre 1 de dezembro de 2022 e 2 de janeiro de 2023 a faturação com cartão dos negócios em Portugal cresceu 25%, em comparação ao período homólogo.

Analisando o cabaz das famílias neste período, os dados mostram que os consumidores gastaram, em média, 231 euros, mais 21 euros, já em cada compra, a média do consumidor despesou 24,7 euros para 35,2 euros, desta forma a empresa em comunicado.

Dados que, segundo Tiago Oom, diretor comercial da UNICRE e porta-voz do REDUNIQ e Insights, "apesar de refletirem o aumento generalizado dos preços de um ano para o outro devido à crise inflacionária que vivemos", mostram que "houve também um aumento homólogo de dezembro de 2021 e dezembro de 2022 do número de transações em 23%".

As conclusões do relatório ajudam também a perceber "que os portugueses, mesmo perante cenário inflacionário, mantiveram o mesmo aumentaram, os seus hábitos de consumo", acrescenta. Só em 23 de dezembro, explica, "constatámos uma verdadeira corrida às compras de Natal, tendo-se registado um salto de faturação 1% acima da média dos restantes dias, entre 1 de dezembro de 2022 e 2 de dezembro de 2023".

Apesar de todos os setores terem apresentado performances positivas face ao ano passado, o setor hoteleiro foi o que registou o maior crescimento (53%), seguido pelos artigos de decoração (25%), supermercados (25%), perfumarias (25%) e moda (23%). **S.R.**

As empresas portuguesas Plumex e SB Group rumam ao Brasil à procura de soluções "mais eficientes e ecológicas" e de novas oportunidades de negócio.

**CANALIZADOR OF. 1**

Experiência comprovada  
 Estrada industrial  
 214 391189

ÁREA DE  
 LIBBOA

# Índia abre novas possibilidades com países lusófonos

**COOPERAÇÃO** Depois de em dezembro do ano passado ter acolhido o primeiro Festival Lusófono, Goa poderá vir a ser o elo de ligação entre a Índia e todos os países lusófonos. Uma oportunidade para a Índia, atualmente na presidência do G20, reforçar os laços com África e a América Latina, onde se situam alguns destes países.

TEXTO ALEXANDRE MONIZ BARBOSA, GOA

A Índia, em dezembro de 2022, deu um passo estratégico para fortalecer os laços com os países lusófonos, ao acolher o seu primeiro Festival Lusófono em Goa. O festival, de caráter predominantemente cultural, teve também alguns momentos sérios de diálogo entre os países lusófonos, que analisaram sobretudo as possibilidades de laços económicos com a Índia. Mas o que tornou tudo interessante foi a escolha de Goa para acolher este festival, já que o estado ao sul da colónia portuguesa durante 450 anos, até 1961, e muitas vezes foi visto como o elo de ligação entre a Índia e Portugal. Depois do festival Lusófono, Goa poderá vir a ser o elo de ligação entre Índia e todos os países lusófonos.

Para a Índia, que detém atualmente a presidência do G20, os países lusófonos são um agrupamento geopolítico e com o qual não se envolveu anteriormente e que podem levar a laços mais fortes em África e na América Latina, onde se situam alguns destes países. A Índia está bem ciente disso.

A ministra dos Negócios Estrangeiros indiana, Meenakshi Lekhi, falando na inauguração do evento, disse que o Festival Lusófono assume mais importância uma vez que a Índia partilha relações profundas com os países de língua portuguesa. “Na primeira fase da globalização, como a história lembra, a língua portuguesa tornou-se uma língua global na época momentânea e no século XVI os portugueses descobriram a rota marítima para a Índia e começaram a trabalhar e negociar com a Índia. A fusão de culturas pela qual a Índia é conhecida

tornou-se um produto que vemos em Goa.”

Acrecentando a isto, Pramod Sawant, ministro-chefe de Goa, afirmou: “Goa é um excelente exemplo do impacto que a globalização e o comércio tiveram na população indiana.” E acresce outro que o comércio era o estio da Região de Konkan antes mesmo dos portugueses chegarem a Goa. Saíam então que foram os portugueses que introduziram o café e a malagueta no subcontinente no século XVI e que hoje Goa obtém a certificação de Identificação Geográfica (IG) do café jeni, a bebida local feita a partir da castanha de café.

Mas isso é história e hoje, segundo disse a ministra Lekhi, existem cerca de 10 000 pessoas na Índia que falam português, que como parte das famílias da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), continuam empenhadas na promoção do idioma e através das quais os países lusófonos têm muito com que trabalhar com a Índia. E um número pequeno quando comparado com o facto de existirem 260 milhões de falantes de português em todo o mundo, abrindo as portas a um vasto potencial de relações comerciais e económicas entre a Índia e os países da CPLP. E é isso que a Índia pretende atingir — as economias em crescimento nos países lusófonos.

Para a Índia, os países lusófonos abrem áreas na América do Sul e em África para cooperação económica. Não é que atualmente não existam tais laços económicos. As empresas indianas têm escritórios e fábricas em alguns países lusófonos, levando os indianos mais jovens a aprender a língua portuguesa, pois isso oferece-lhes uma vantagem no mercado de trabalho em África ou na América Latina.

Tomemos o exemplo de Dinesh Reddy, que vem do Estado de Andhra Pradesh e trabalhou numa empresa indiana de bebidas em Angola e Moçambique, onde aprendeu português. No seu regresso à Índia decidiu melhorar o seu conhecimento da língua e assinou para a Universidade de Goa para dominar o idioma.

“Antes de ir para África eu não sabia português, mas era minha paixão trabalhar num desses países de língua portuguesa. O meu interesse pela cultura portuguesa existe há



As oportunidades de cooperação entre a Índia e os países lusófonos são muitas, basta que levem os seus laços históricos a outro nível no mundo moderno. Na imagem, a Basílica do Bom Jesus, em Goa.



muito tempo, desde que visitei Goa pela primeira vez”, disse Reddy. No seu regresso de África, trabalhou para empresas na Índia, principalmente aquelas envolvidas em terceirização de processamento de negócios (*business process outsourcing*) onde é exigido o conhecimento da língua portuguesa. “O conhecimento da língua que eu tinha era suficiente para conseguir emprego na Índia, mas eu queria melhorar as minhas qualificações em português, então larguei o meu emprego e vim para cá”, disse Reddy.

Curiosamente, a Universidade de Goa é o único instituto de Ensino Superior no subcontinente indiano que oferece a licenciatura e o mestrado em Português e, portanto, atrai um grande número de jovens de toda a Índia.

Como Reddy, tememos Simran Kumar, uma jovem que vem do Esta-

do de Bihar e que tem parentes que aprenderam várias línguas estrangeiras. Ela decidiu que aprenderia português. “Eu estava muito interessada em aprender algo novo. A língua portuguesa é uma língua próxima e tem boas perspetivas de carreira, além disso, eu adoro esta língua”. Kumar tem planos para conseguir um emprego depois de se formar e, posteriormente, concluir o seu mestrado em Língua Portuguesa, pelo que talvez volte para a Universidade de Goa.

A língua portuguesa ainda não é um grande atrativo na Índia, mas está a crescer. Se o atual lote de estudantes conseguir posições lucrativas em empresas multinacionais, sempre há a possibilidade de que mais estudantes de toda a Índia, e talvez de fora do país, possam vir a Goa para aprender o idioma.

O Festival Lusófono foi uma oportunidade para os indianos à



procura de emprego nos países da CPLP, ter em uma ideia de que indústria poderiam almejar. Uma mesa redonda organizada pela Universidade de Goa em duas partes — *India's Outreach to the Global South: Exploring Convergence with CPLP* e *India Lusophone Historical and Cultural Linkage: Retrospect and Prospects* — reuniu palestrantes de vários países lusófonos.

Além de funcionários do Ministério das Relações Exteriores da Índia e do ICR, estávamos presentes os embaixadores de Portugal e Espanha na Índia, o vice-cônsul do Brasil, o ministro conselheiro de Moçambique e Angola, o cônsul honorário de Cabo Verde, além de representantes do Centro de Assistência Social e Progresso econômico do Instituto de Defesa Manohar Parrikar. Com cinco dos oito países lusófonos localizados em África, o primeiro painel de discussão foi so-

**A Índia oferece cooperação em infraestruturas e energia (incluindo bioenergia, energia solar e outras renováveis). Portugal é atualmente um líder em energia renovável, enquanto a Índia está a ficar para trás. Uma cooperação mais estreita aqui poderia beneficiar os dois países.**

bre como a lusofonia pode ser um elo entre a Índia e os países da África. A Índia tem boas relações com Portugal e Brasil.

As áreas estratégicas onde a Índia e os países lusófonos podem conectar-se incluem a economia azul, energias renováveis, defesa, conectividade, mobilidade e comércio — todas são também áreas em que a economia indiana se está a concentrar. A Índia, por outro lado, oferece cooperação em infraestruturas e energia (incluindo bioenergia, energia solar e outras renováveis). Portugal, por exemplo, é atualmente um líder em energia renovável, enquanto a Índia está a ficar para trás. Uma cooperação mais estreita aqui poderia beneficiar os dois países.

O segundo painel de discussão foi composto em grande parte por personalidades que vieram do campo cultural. Contou com re-

presentantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, um professor visitante português da Universidade de Goa, Camões Centro de Língua Portuguesa, Goa, Fundação Oriente — Delegação em Goa, Sociedade Lusófona de Goa e outros.

A discussão girou em torno da importância da português como língua e como a língua pode ser um elo entre a Índia e os países lusófonos. "Dado o facto de que haverá 300 milhões de pessoas falantes de português até 2030, isso torna o idioma muito importante", afirmou a professora Apurita Gangopadhyay da Universidade de Goa. "É preciso olhar para a perspectiva histórica, bem como olhar para a cooperação mais contemporânea, sustentável.

Dada a localização de Goa e os laços históricos com o mundo lusófono, esta foi a primeira vez que houve tal discussão no estado. A história de Goa faz dela um ponto

nodal para o avanço das relações com os países lusófonos, e onde o Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade de Goa pode desempenhar um papel importante.

Como disse o professor assistente do departamento, Dhruv Yashwanikar: "Existem muitas oportunidades e esperanças", é apenas a falta de consciência que pode estar a impedir muitos mais de ingressar no curso.

Mas em Goa, que tem a língua portuguesa como disciplina opcional a partir do ensino médio, há um olhar diferente para o estudo desta língua.

Amanda D'Costa, aluna de mestrado em Português na Universidade de Goa, estudou português por um ano em Portugal, após a sua licenciatura em Inglês com matéria secundária em Português e depois voltou para Goa para continuar os seus estudos. "Passar um ano em Portugal, despertou o meu interesse na língua e cultura. As pessoas eram mais felizes, a cultura era incrível", contou D'Costa. Mas não tem certeza de que vem seguir no seu futuro. "De momento, estou a fazer isto porque estou a gostar de aprender, mas ainda não planeio que vou fazer com o diploma", acrescentou.

Assim como D'Costa também tem Sushri Prabhudesai, aluna de Português da Universidade que fez um intercâmbio estudantil de um ano em Portugal e já havia estudado o idioma como disciplina desde os tempos de colégio. "Aprendi muito sobre a cultura, que provavelmente não terias descoberto aqui em Goa. Foi uma experiência muito boa", recorda Prabhudesai sobre o ano que passou em Portugal. O que é interessante nestas jovens é que também cantafado, talento que adquiriu ao frequentar um *workshop* dirigido por Sonia Shirsat, fadista de Goa.

Nem todos, no entanto, estão à procura de emprego em multinacionais. Prabhudesai, por exemplo, está a pensar em ensinar Português. "Ainda não decidi com certeza, mas acho que gostaria de dar aulas de português", disse ela.

As oportunidades de cooperação entre a Índia e os países lusófonos, portanto, são muitas. Tudo o que é necessário é o desejo de que esses países desenvolvam projetos colaborativos, especialmente em porque a Índia e Brasil também fazem parte dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul) que promovem a cooperação econômica entre os membros do grupo. No momento, essas são possibilidades que podem se transformar em ações, bastando agir.

## Detidos dois suspeitos de preparar ataque biológico

**ALEMANHA** FBI alertou autoridades alemãs para "possível ataque islâmico" com ricina e cianeto.

**A**utoridades alemãs man-  
têm em detenção a detenção  
de um iraniano de 32 anos, de-  
pois de receberem indicações do  
FBI sobre um "possível ataque islâmico"  
com ricina e cianeto no país.

O homem foi detido depois de o seu apartamento em Castrop-Rauxel, no oeste do país, na Renânia do Norte-Vestefália, ter sido revistado durante a noite para verificar a possível presença destas "substâncias tóxicas" necessárias para o ataque.

Apesar da detenção, os investigadores não encontram "nenhuma prova" da presença destes produtos no local, disse à AFP o procurador de Düssel-

dorf, Holger Heming.

O FBI tinha conseguido infiltrar-se num grupo da rede social Telegram, onde se dizia que o suspeito tinha inquirido primeiro sobre atentados à bomba, e depois sobre ataques com substâncias tóxicas, de acordo com o jornal *Der Spiegel*.

O homem, juntamente com uma segunda pessoa também presa durante a noite no mesmo local, que segundo os meios de comunicação alemães é o seu irmão, tinha planeado atacar na passagem de ano, mas falhavam-lhe os elementos para fabricar venenos de ricina e cianeto, acrescenta o periódico alemão.



Soldados ucranianos nas trincheiras escavadas na região de Donetsk.

## Quem atacou Zaporíjia durante a visita da ONU?

**GUERRA** Ucrânia assegura que o ataque teve origem russa. Nem as Nações Unidas, nem Moscovo se pronunciaram, até ontem, sobre o caso.

**A** Ucrânia e a Rússia trocaram ontem acusações sobre a origem dos ataques militares na região de Zaporíjia, durante uma visita humanitária realizada pela ONU, e uma central térmica em Starobeshevska (Novi Svít) em Donetsk, desconhecendo-se, para já, se há vítimas.

O presidente da administração ucraniana, Stanyk, denunciou que o ataque russo foi realizado durante uma ação de ajuda humanitária da ONU em Orjiv (a 60 quilómetros da frente regional). O ataque ocorreu numa altura em que era suposto vigorar um cessar-fogo decretado unilateralmente sexta-feira pela Rússia e que expunha os 00 de ontem. "O ocupante continua a ignorar as regras da guerra e a atacar as comunidades. A Rússia é um talibã do século XXI, que ignora o que é o sagrado e ignora todas as regras da convivência humana", disse Stanyk.

Nem as Nações Unidas nem a Rússia se pronunciaram sobre o incidente.

Em Donetsk, as autoridades pró-russas da região também denunciaram que um ataque com mísseis lançado ontem de madrugada pela Ucrânia provocou danos na central térmica de Starobeshevska, em Novi Svít, admitindo-se a possibilidade de duas pessoas terem sido soterradas pelos escombros, embora, nada esteja confirmado.

O ataque teria sido realizado com um sistema de mísseis de lançamento múltiplo dos quais seis atingiram a central térmica e ardeiros.

Uma central é uma das maiores produtoras de energia no leste da Ucrânia fornecendo eletricidade para o centro e o sul de Donetsk, disputa entre o território de Donetsk e Kiev desde 2014 e agora, invadido na Rússia após o referendo.

### A troca de prisioneiros

A Rússia e a Ucrânia anunciaram ontem a troca de 100 soldados, 50 de cada um dos lados.

Toram libertados 50 soldados ucranianos que estavam em perigo de vida em cativeiro", indicou, em comunicado, o Ministério da Defesa russo, adiantando que a libertação dos militares foi o resulta-

do de "intensas negociações" realizadas nos últimos dias entre Moscovo e Kiev.

Em Kiev, a presidência do país confirmou a libertação de meia centena de soldados ucranianos, entre eles 33 oficiais e 17 sargentos e soldados rasos, que foram detidos em locais como os arredores de Kiev, próximo da central nuclear de Chernobyl ou na cidade portuária de Mariupol.

### A vingança

O Ministério da Defesa da Rússia reivindicou ontem terminado mais de 500 soldados ucranianos numa "operação de repressão" ao ataque do Anó Novo contra as forças russas em Makiivka, leste da Ucrânia.

O ataque a Makiivka, na região de Donetsk, é considerado um dos maiores reverses das forças russas desde o início da invasão. O regime de Moscovo confirmou, na altura, a morte dos 89 soldados. A Ucrânia, no entanto, fala em pelo menos 400 milicianos mortos.

Além disso, o porta-voz assegurou que, nas últimas horas, mais de 80 soldados ucranianos morreram no território da República de Lugansk e na região de Kharkiv, incluindo 40 membros de "grupos de reconhecimento e sabotagem".

O governo ucraniano não comentou nenhuma das reivindicações do Eixão russo.

**DN/USA**

## NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publica-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se em divididos que reinam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

<https://www2.novaebe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe>

- **Referência NOVA/SBE/CT.1.2023** – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Marca, Comunicação e Marketing na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho por Tempo Indeterminado.
- **Referência NOVA/SBE/CT.2.2023** – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Marca, Comunicação e Marketing da NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho por Tempo Indeterminado.
- **Referência NOVA/SBE/CT.3.2023** – 1 Técnico Superior para exercer funções no Centro de Conhecimento de Liderança para o Impacto na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a Termo Certo.
- **Referência NOVA/SBE/CT.4.2023** – 1 Técnico Superior para exercer funções na área de Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a Termo Certo.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.



### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LISBOA JUÍZO LOCAL CRIMINAL DE LISBOA – JUÍZ 24

Referência: 42563/25

Acompanhamento de Maior

Requerente: Carlos Manuel Mandim de Castro

Beneficiário: Glória Ferreira Mandim Elias Lopes Castro

Data: 19-12-2022

### ANÚNCIO

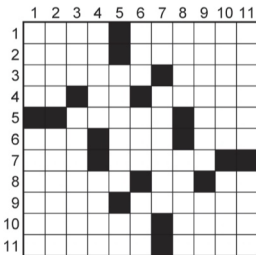
Faz-se saber que nos autos de Acompanhamento do Maior, acima identificados, por sentença já transitada em julgado, **foram decretadas as medidas de acompanhamento** de Glória Ferreira Mandim Elias Lopes Castro, com residência na Avenida do Brasil Lote 76, nº 41 Apartamento 2ºº, 1949-01 LISBOA, e foi nomeado Acompanhante, seu filho, Carlos Manuel Mandim de Castro, nascido em Lisboa, Angola, a 6 de outubro de 1964, residente na Alameda Queen de Santa Antonia, Nº 11, 4º-0, Telheiras, 1600-05 Lisboa.

(Documento autêntico elaborado pelo Ofício de Justiça Maria Filomena Abreu)

o juiz de direito

Dr Henrique Guimote Melo

## ● PALAVRAS CRUZADAS

**Horizontais:**

1. Início do crepúsculo matutino. Pequeno lábio. 2. Emitir som forte e zoante. Sem a noção dos princípios da moral. 3. Auxiliar. Lura de coelhos e de outros animais. 4. Rádio (símbolo químico); Érbio (símbolo químico). Associar. 5. Delito. Terceiro. 6. O árbitro. Pessoa. Desloca-se no ar. 7. Dez vezes cem. Que tem a forma de arco. 8. Aliado. Suspiro. Sétima nota musical. 9. Reses em geral. Levantar. 10. Ordem oficial afixada em lugares públicos ou publicadas nos jornais. Vaga. 11. Que leva tempo a fazer. Ratar.

**Verticais:**

1. Desdita. Figura. 2. Casa comercial. Que tem excesso de mimos. 3. Baixo. Embater. 4. Estar em chama. Entrada da laringe (popular). 5. Esquivo (figurado). Elas. 6. Casa de habitação. Que me pertence. Ligação (figurado). 7. Antes do meio-dia. Fechar. 8. Calçado que cobre o pé e parte da perna. Força. 9. Que causa erosão. Único. 10. Criado que acompanhava o arno e seus passeios ou viagens. Sensação provocada pela necessidade de beber. 11. Fábrica de louça de barro. Irritar.

## ● SUDOKU

		6		2	8	5	
	5	4			1		
1	9	2	5			3	
		3	6	5			
4			2	7	1	6	3
	7		4		3	5	
4	8	9	6				7
5			2	7		4	
2		8			3		

**Palavras Cruzadas**

1. Azar. Imagem. 2. Loja. Mercado. 3. Vau. 4. Rato. 5. Delito. 6. O árbitro. Pessoa. Desloca-se no ar. 7. Dez vezes cem. Que tem a forma de arco. 8. Aliado. Suspiro. Sétima nota musical. 9. Reses em geral. Levantar. 10. Ordem oficial afixada em lugares públicos ou publicadas nos jornais. Vaga. 11. Que leva tempo a fazer. Ratar.

2	6	7	8	1	4	3	5	9
5	1	9	3	2	7	6	4	8
3	4	8	9	6	5	2	1	7
6	7	1	4	9	3	5	8	2
4	8	5	2	7	1	9	6	3
9	2	3	6	5	8	4	7	1
1	9	2	5	8	6	7	3	4
8	5	4	7	3	9	1	2	6
7	3	6	1	4	2	8	9	5

SOLUÇÕES

# Procure bons negócios no sítio certo.

## classificados.dn.pt

### Diário de Notícias



**EM PAPEL E NO DIGITAL.**

**QUEM PROCURA ENCONTRA.**



## Diário de Notícias

O ESSENCIAL DA INFORMAÇÃO, TODOS OS DIAS EM BANCA



Insulares conseguiram a primeira vitória em casa e a segundo da época.

ESTÁDIO DE MARITÍMO (LUSICAL)	
ARBITRO: HÉLIO FERREIRA (LUSUAL)	
MARITÍMO	SPORTING
<b>1</b>	<b>0</b>
CARNE CLÁUDIO WINCK (95) MICOUEIRA MATHEUS VÍTOR COSTA BEZEL SANTO (87) JÁDIO APREÇO ANJOS VONGAL (85) LEO PEREIRA (77) LUIS (87)	ADÃO GONÇALO NUNO CARLES (75) MATEUS REIS PEDRO PEREIRO UGATE NÁTALIO FERNANDES (85) ANJOS (86) MICOUEIRA (75) PAULINO THOMÁS TROVADOR RUI DE AMORIM RUI GOMES SÓDIO TRINDADE MATEUS (87) RICARDO AMORIM RICHARDO (85) JUANNE (75) ST. JUSTE (75) PAULINO (85)

**GOLETA:** 1-0 SE CLÁUDIO WINCK (87)  
**CHANCES ANOTADAS:** EDUARDO (87), SÁBÃO (80) (88), RICARDO SGAO (77), PEDRO PEREIRO (87), PAULINO (87), ANDRÉ VIOGA (85), MOQUEITA (87) E CARNE (80-5).

# Sporting perde com Marítimo e fica a 12 pontos do Benfica antes do dérbi

**LIGA** Equipa insular recebeu e venceu a equipa leonina (1-0) conseguindo a primeira vitória em casa. Cláudio Winck marcou de penálti. Leões estiveram 80 (!) minutos sem rematar à baliza.

TEXTO ISAUARA ALMEIDA

As viagens à Madeira têm sido o turbulento para o Sporting (três derrotas e quatro empates nas últimas sete deslocações). Ontem, frente ao Marítimo, no Funchal, a equipa leonina perdeu (1-0) um jogo em que prometeu muito e criou pouco — e com esse dado estatístico relevante: Paulinho continua sem marcar golos fora de Alvalade.

A derrota foi deveras penalizadora para a equipa leonina (pese embora ter sido um dos piores jogos da época), que assim voltou a perder, ao fim de sete vitórias seguidas, e perdeu ainda pontos para os três primeiros da tabela: está agora a 5 pontos do FC Porto, seis do Sp. Braga e 12 do Benfica, que visita na próxima jornada da Liga para um dérbi na Luz.

Ontem, no chamado Caldeirão do Funchal, os leões sentiram a falta de Pedro Gonçalves e Morita, mas, como referiu o técnico dos insulares, que conseguiram a pri-

meira vitória em casa e a segunda da época, há mérito no triunfo da sua equipa, que conseguiu inibir o talento individual e coletivo dos lisboetas.

O jogo da 15.ª jornada prometeu muito nos minutos iniciais, mas acabou por ficar algo aborrecido, numa espécie de jogo de toques sem baliza, tal a ausência de oportunidades de gol. O Marítimo entrou energético e pressante face à maior capacidade leonina em criar perigo. Depois de Bruno Xaães avisar Adão de que a deslocação ao Funchal não iria ser tranquila, Paulinho ainda teve o primeiro gol no pé. Bem servido por Porro, o avançado leonino atirou à baliza para grande defesa de Carne aos 17 minutos. Nem um minuto depois, Gonçalo Inácio apareceu nas alturas, mas falhou o alvo de cabeça.

A partir de então o jogo perdeu alguma intensidade e ritmo baixo consideravelmente, chegando ao intervalo sem golos e apenas

meia dúzia de remates dignos desse nome.

## Winck nos 11 metros!

No regresso dos balneários tudo na mesma. Muita troca de bola pensada e equipas sem comprometer a organização tática e sem fanfarras capazes de algum rasgo criativo capaz de criar oportunidades de golos. Foi com insistência que os insulares conseguiram chegar à baliza leonina e com ajudas das leis do jogo — que deviam também ter sido usadas para marcar um penálti a favor do Sporting, por falta sobre Porro.

O jovem Mateus Fernandes derubou Percy Liza dentro da área e Hélder Malheiro não hesitou e apontou para a marca dos 11 metros. Aos 56 minutos, Cláudio Winck encanou Adão e bateu o espantado, inaugurando o marcador. Foi o primeiro gol da equipa madeirense de grande penalidade esta época (tinha falhado três até ontem).

meia dúzia de remates dignos desse nome.

## Na próxima jornada os leões vão à Luz jogar com o líder Benfica, na 16.ª jornada da Liga. Jogo é no domingo (dia 15) às 18.00 e pode definir equipa de Amorim ainda mais longe do título.

O gol deu conforto à equipa de José Carlos Pereira e encerrou o resto do jogo de peito feio.

A perder, o Sporting continuava em dificuldades e sem conseguir criar grande perigo no segundo tempo. Já com Nuno Santos e Iovane em cam po, os leões ganharam velocidade pelas alas, mas não conseguiram clarividência no meio, onde de Paulinho estava cada vez mais vigiado e cada vez mais precipitado nos lances.

Os bons movimentos leoninos não tinham a finalização necessária, mas Rúben Amorim acreditava no empate e ia pedindo calma à equipa. Uma crença difícil de se materializar em gol tendo em conta que o Sporting estava há 62 minutos sem fazer um único remate à baliza (acabou a segunda parte sem remates) e via a moral maritista a cair a cada um minuto que passava. Aos 82 minutos Matheus Reis calou a área e ficou a pedir penálti, mas o árbitro mandou jogar... e fez o mesmo aos 87 minutos quando o VAR ajudou a decifrar uma possível mão de Matheus Costana à área do Marítimo.

Seja o que for, o jogo, ter de ir atrás do resultado também não ajudou e mais uma vez o talento não chegou para reagir a um momento adverso. Isso mesmo disse Rúben Amorim no final do jogo, onde avisou que, nesta altura, não ajuda a assentar bases para a classificação, mas sim jogar o jogo e com essa certeza de que o próximo encontro no campeonato é na casa do grande rival. O dérbi da 16.ª jornada está marcado para domingo (18.00).

isauara.almeida@dn.pt



Roberto Martínez despediu-se da seleção belga depois de ter caído na fase de grupos do Mundial do Qatar.

## Martínez esperado hoje para assinar até 2026

**SELEÇÃO** Treinador espanhol, que entre 2016 e 2022 foi selecionador da Bélgica, será o sucessor de Fernando Santos na equipa das quinas.

TEXTO NUNO FERNADES

Roberto Martínez vai mesmo ser o sucessor de Fernando Santos no cargo de selecionador nacional. O treinador espanhol deverá chegar hoje a Lisboa para se reunir com os responsáveis da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e colocar-se no branco no contrato que, em princípio, terá duração até 2026.

ACADENA SER garantiu ontem que Martínez vai estar hoje em Lisboa para assinar o vínculo. Ainda segundo a rádio espanhola, os termos do acordo estão praticamente fechados, e o técnico, inclusivamente, terá os últimos dias de um convite do Everton, da Premier League, porque já estava comprometido com a federação portuguesa. O contrato será válido 2026, ou seja, apanha o Europeu de 2024 na Alemanha e o Mundial que se realiza dois anos depois, numa organização conjunta entre Canadá, México e Estados Unidos.

O técnico espanhol de 49 anos foi selecionador da Bélgica entre agosto de 2016 e dezembro de 2022, deixando o cargo após o fiasco da seleção belga no Mundial do Qatar, onde não passou a fase de grupos. Martínez, contudo, realizou um excelente trabalho ao serviço da Bélgica, levando o país a n.º 1 do ranking da FIFA ao terceiro lugar no Mundial disputado em 2018 na Rússia.

O treinador não foi a primeira escolha da FPF. O organismo liderado por Fernando Gomes tentou con-

tatar José Mourinho para o cargo, pouco depois de oficializada a saída de Fernando Santos, mas a ligação do técnico português à AS Roma não permitiu que houvesse acordo. A FPF virou-se então para um técnico estrangeiro. E entre as várias possibilidades, a aposta acabou por recair em Roberto Martínez. Segundo a edição de domingo do jornal *L'Équipe*, Zinedine Zidane, técnico francês ex-Real Madrid, também terá sido abordado, mas recusou.

A notícia do interesse da FPF em Martínez foi revelada na sexta-feira pelo jornal britânico *The Telegraph*, que deu conta de contactos entre as partes no sentido de o ex-selecionador belga poder ser o sucessor de Fernando Santos.

Nascido em Balaguer, Espanha, Roberto Martínez fez carreira como jogador em Inglaterra na Associação,

representando clubes como o Wigan, Middlesbrough, Walsall, Swanssea e Chester City. Em 2007, quando arranjou as chaves, começou por treinar o Swanssea e depois o Wigan, assinando em 2013 um contrato com o Everton, onde mostrou trabalho e permaneceu durante três temporadas, antes de assinar pela federação da Bélgica. Mas foi no Wigan, em maio de 2013, que conseguiu um feito histórico: conquistou a Liga de Inglaterra, vencendo na final o Manchester City.

A primeira missão de Roberto Martínez será apurar Portugal para o Campeonato da Europa de 2024. Para lá chegar, a seleção terá primeiro de passar a fase de qualificação, está integrado no Grupo I, juntamente com as seleções da Bósnia-Herzegovina, Índia, Luxemburgo, Eslováquia e Liechtenstein. Portugal estreia-se na qualificação a 23 de março, com um jogo em Alvalade frente ao Liechtenstein.

Outra das suas missões será gerir a situação de Cristiano Ronaldo, depois dos casos protagonizados pelo capitão português no Mundial do Qatar, derivados da sua condição de desportista.

Como selecionador da Bélgica, Martínez defrontou duas vezes Portugal – venceu por 1-0 nos oitavos de final do Euro2020 e antes tinha empatado sem golos num particular realizado em junho de 2018.

nuno.fernandes@dp.pt

## Manchester City atropela Chelsea

Sem Ederson, De Bruyne e Erling Haaland, o Manchester City atropelou ontem o Chelsea 4-0 e apurou-se para os 16 avos de final da Taça de Inglaterra. Com Bernardo Silva de início – e João Cancelo a

entrar na segunda parte –, os citizens marcam por Mahrez (Brais), Julián Álvarez e Phil Foden. Os blues, que estão interessados em Enzo de Bernica, seguem em crise, após a sexta derrota em nove jogos.



## Empate no regresso da Reboleira

O Estrela da Amadora empatou ontem com o Trofense (2-2) no regresso ao Estádio José Gomes. No jogo da 15.ª jornada da II Liga, a equipa da Reboleira ficou reduzida a dez jogadores aos sete minutos Feratovic foi

expulso) e sofreu dois golos através de Pachu e Maiga. O Estrela reagiu e empatou, por Ronaldo e Paulinho, salvando um ponto num jogo que teve ainda mais uma expulsão (Martim Maia, do Trofense).



## Djokovic volta a ser feliz na Austrália

Novak Djokovic conquistou ontem o torneio de Adelaide, na Austrália, depois de bater na final Sebastian Korda (6-7, 6-6 e 6-4), conseguindo o 92.º título da carreira. O serbio soma 21 títulos do Grand Slam e vai

procurar igualar os 22 de Rafael Nadal no Open da Austrália, que começa dia 16 e que foi impedido de jogar no ano passado, após ser deportado por não estar vacinado contra o covid-19.



# Midus Ela controla e não descola

**MÚSICA** Em 1981, tornou-se uma celebridade nacional à frente da banda Roquívarius. Não mais parou. Com uma sólida carreira em Londres, voltou a Portugal para lançar o álbum *Minhas Canções, Meus Amigos*.

TEXTO MARIA JOÃO MARTINS

**E**m miúda tinha um cartaz enorme de Bette Midler, no filme *The Rose*, afixado no quarto à custa de tanta fita-cola que a mãe temia pela pintura. O que mãe e filha talvez ainda não soubessem é que para Midus Guerreiro, mais do que um cartaz, aquele pedaço de papel era uma bússola, tanta foi (e ainda é) a determinação com que seguiu o seu caminho na música *pop/rock*, primeiro em plena onda do *rock português* e depois, em Londres (e pelo mundo fora, em *tour*) até ao lado de nomes míticos, como The Strangers ou Bryan Ferry.

Para quem, como a jornalista, cresceu nos "loucos" Anos 80, Midus é a voz de duas canções da sua banda da época, os Roquívários: *Ela Controla* e, sobretudo, *Cristina (Beleza é Fundamental)*, com que durante meses foram "torturadas" todas as Cristinas da escola.

A notícia do seu breve regresso a Portugal para o lançamento de um disco a solo mas com muitos cúmplices, torna-se, pois, uma oportunidade para saber que é feito de Midus, que, 40 anos depois desses grandes êxitos, mantém o penteado e o estilo roqueiro que a caracterizou. "Estes discos do original estão a pensar há muito tempo, mas vamos adiando por causa de *tour*nes e projetos vários de cada um de nós", conta ao DN. "Com a pandemia, ficámos todos em casa e houve a possibilidade de fazer isto a sério, com músicos com quem sei que me dá bem."

Assim surgiu o álbum *Minhas Canções, Meus Amigos*, em que se juntam a ela Tim, dos Xutos e Pontapés, Teresa Maluco, Dom Brown (músico habitual dos Duran Duran, que já trabalhou com Mark Ronson e Liam Gallagher) e Tim Alford, entre outros. Nas letras, contou com a colaboração de Ana Zanatti (no tema *Nem Terço*) e da britânica Anne Clark (em *Ride*).

Agora de regresso a Londres, admite que lhe soube bem esta passagem por Portugal para a promoção do disco, está disponível para es-

petúlicas se os pedidos aparecem.

Há pouco mais de 40 anos, o poster atrás da cama com a cantora/atriz Bette Midler indicava já ao amor à música que, em retrospectiva afeita, Midus encontra já na criança que foi: "Aos 4, 5 anos comecei a descobrir sons e a fazer pequenas melodias. Os meus pais acharam graça e começaram a dar-me pianinhos e outros instrumentos musicais de brinquedo. Aquilo encantava-me." Decisiva foi, no entanto, a guitarra de cuisa que recebeu quando tinha 7 ou 8 anos.

Na Moita, onde passou parte da infância e adolescência, teve a primeira banda: "Tocávamos alguma coisa nas missas, porque o padre era jovem e inovador. Comprou instrumentos elétricos (baixo, guitarra, teclas), de boa qualidade. Ensaivávamos na sala de catequese e no jardim no adro da igreja para angariar fundos."

Foi nessa circunstância e época que conheceu Tim, dos Xutos & Pontapés: "Há uns tempos, ele veio que se lembrou disso: quando eu não podia estar nos bailes, por exemplo, era ele que me ia substituir."

Em 1981, como vocalista do quarteto Roquívários, tornou-se uma celebridade nacional, apesar da vida breve da banda. Comparavam-na às americanas Chrissie Hynde e a Suzi Quatro. "Não mais parou." Depois do grupo acabar, tinha algum gosto em compor, fiz um estúdio em baixo numa garagem e fiz alguns temas com o Fernando António dos Santos, como o *Lá Louco*. Depois eu passei ao Tozé Brito, que era o ditador da Polygram, que queria fazer um disco com Luis Janília, em Londres. E lá comecei a fazer um plano, a TAP ofereceu-me viagens, e uma agência de viagens patrocinou o hotel."

Em Londres, deu-se o clique. Midus percebeu que era ali que deveria estar se queria evoluir no mundo da música *pop/rock*. Foi ficando cada vez mais tempo, guiada pela tal bússola.



40 anos depois dos êxitos *Ela Controla* e *Cristina (Beleza é Fundamental)*, Midus mantém o penteado e o estilo roqueiro que a caracteriza.

Em Londres, deu-se o clique. Midus percebeu que era ali que deveria estar se queria evoluir no mundo da música *pop/rock*. Foi ficando cada vez mais tempo, guiada pela tal bússola.

Como na canção, ela controlava e não descolava: "Comecei a bater a porta e a frequentar os sítios-chave. Não foi difícil, porque eu estava lá para conhecer tudo e fazer o máximo possível. O meu objetivo não era ficar lá para sempre, mas comecei a ir a clubes, onde se faziam *jam sessions* e subia ao palco para tocar com eles, as coisas começaram a acontecer."

Em breve, Luis Jardim, que fez os baixos do álbum *Cappuccino Songs* de Lantia Tikam, deu o seu nome para a audição. Correu bem. Seguir-se-iam muitos outros como Hugh Cornwell, dos Strangers, Dom Brown, Bryan Ferry ou Melanie C, ex-Spice Girls.

Com eles, tem corrido mundo e foi acumulando histórias, como o susto que apanhou em Madrid quando uma multidão de fãs em euforia rodeou todos os membros da banda que acompanhava Melanie C.

"Em Portugal, onde corri o país de Norte a sul, as pessoas a carinhavam-me. Às vezes, tornava-se um bocadinho incómodo, quando nos queriam agarrar, mas não me senti ameaçada. Temos de pensar em espaços que não tinham as condições de hoje, muitas vezes com palcos e camarins improvisados", recorda.

"Em Madrid, na *tour*ne mundial de Mel C., dei por mim a ser içada dentro do carro por dois segurança enquanto a Mel teve de ser escondida dentro de um café. Depois eu ando chegam os ao hotel, este teve de ser fechado enquanto a multidão se dispersava."

Mas em situações normais, procura dar apoio aos fãs. "Eu também tive meus idios e lembro-me bem disso", diz. "Que eram Sting, Suzi Quatro ou Bette Midler, claro." "Prefiro sempre os baixistas e as mulheres da frente", confessa. [shonj@ip.pt](mailto:shonj@ip.pt)

# Filipe Melo e a "loucura incrível" de estar às portas dos Óscares

**GNEMA** O meio cinematográfico português ainda está perplexo com a inclusão de Filipe Melo e de *O Lobo Solitário* na *shortlist* das 15 curtas-metragens de ficção em imagem real para os Óscares do próximo mês de março. Nunca antes um realizador português esteve nesta posição, já é histórico e o compositor e artista de BD está literalmente nas nuvens como conta o DN. Isto num ano em que há mais duas curtas de animação mais uma vez nas *shortlists*.

Já tivemos técnicos e diretores de fotografia nomeados aos Óscares, mas nunca um realizador. Incredivelmente, na semana passada, como anúncio das *shortlists*, Filipe Melo, músico e autor de BD, pode ser o primeiro.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

**R**espitar fundo e dizer: não estava à espera, mesmo! As palavras são de Filipe Melo, músico, autor de BD e cineasta provavelmente não tão improvável, referindo-se à sua pré-nominação ao Óscar de melhor curta-metragem de ficção com *O Lobo Solitário* em um dos quinze filmes na *shortlist*, algo inédito em Portugal e com valor acrescentado num ano em que mais duas curtas de animação portuguesas também figuram nas *shortlists*: *Ice Merchants*, de João González, candidato com muitas probabilidades de ficar no topo) e *O Homem do Lixo*, de Laura Gonçalves.

De facto, há surpresa com o facto do filme de Melo estar nesta situação. É já um triunfo, um feito do cinema português, sobretudo se pensarmos que a animação Portugal já tinha andado nestas coisas das listas mais próximas dos cinco nomeados – também no documentário Miguel Gonçalves Mendes com *José e Pilar*, em 2010, primeiro ponto de superação porque o filme esteve a par em animação em Portugal; venceu o prémio do público no Curtis 2021 e a melhor curta nos Sophia, os prémios da Academia nacional, embora lá fora não se tenha destacado por aí além.

"Vou dizer a verdade absoluta: estava a dormir quando foi anunciada a *shortlist*. Nunca esperei. Isto é uma loucura, uma loucura real, sobretudo num ano em que somos três! É preciso saber que no meio cinematográfico cá em Portugal há um certo deslêem dos Óscares, tipo o palhaçada e nós gostamos mesmo de filmes de festivais. Ora, acontece que gosto muito de cinema mas também dos Óscares! Tenho uma relação muito particular com essa cerimónia: desde o ano de *O Último Imperador* (1987) que todas as madrugadas vejo a cerimónia com a minha mãe. É claro que o sonho fica meio entranhado... Apesar de gostar muito de música, o meu coração sempre esteve nos filmes. Não é bem sonhar com ganhar um Óscar, é lamentar a utopia..."

**Desfrutar do sonho**  
Agora, Filipe espera para perceber se é mesmo nomeado a 24 de janeiro, mas confessa que não vai perder o sono ao esperar dessa data. Está nesta posição já uma certa forma de milagre. Lembra que tal só foi possível porque a dada altura surgiu um distribuidor canadiano, a h264 e porque a sua produção, a Força de Produção, na pessoa de Sandra Faria, decidiu também



**O Lobo Solitário**, pela calada, chegou a esta situação de quase nomeação ao Oscar. Filipe Melo a partir de 24 de janeiro pode começar a buscar-se a perceber que o sonho de infância de ir aos Óscares não é uma fantasia...

perceber que era importante investir num publicista. Curiosamente, Sandra é mais promotora e produtora de espetáculos do que de cinema... Está ainda mais feliz porque o filme agora tem visibilidade, está a ser visto pelas pessoas certas. E, se o sonho acontecer, lembra que será ainda mais especial num ano em que Steven Spielberg graca a *Os Fabulmans*, deve

andar por lá: "era como fechar um ciclo – sonhei em fazer cinema depois de *Ver ET - O Extraterrestre*, mas mais uma vez lembro que lá não tenho klade para desdramatizamentos, não obstante tudo isto ser uma panóplia de emoções para mim. Não vejo isto como um salto de carreira – daqui a um ano vou estar aqui a desenhar um qualquer coisa para me entreter. Ainda lá será desta que me mudo para uma mansão em Malibu. Sim, prefiro o mar a Beverly Hills...". Chegámos apenas lembrar que nos entretenimentos, *A Balada de Sophie*, a sua banda – desenhada feita com Juan Cavia, tem os direitos para desenvolvimento de série televisiva garantidos pela Universal para os próximos tempos. Hollywood já esteve mais longe...

*O Lobo Solitário* é um *thriller* de 25 minutos sobre uma emissão de rádio pela madrugada da Ista que desvenda uma conversa entre um veterano radia lista e um ouvinte com uma confissão terrível. Tudo filmado num *set take* e com muita conversa em... português, coisa que muitos poderiam considerar alegria a "material oscarizável". Mas há ali qualquer coisa que faz estremar emoções, é um filme com capacidade de agradar a diversos públicos e Filipe percebe isso: "a história tem algo de universal mas o facto de se passar numa rádio que se usa para fazer um encontro e um fator exótico para o pessoal da Academia, é como se nós estivéssemos a ver uma rádio local na Birmânia. Tenho esperança que filme levante algumas questões?". O certo é que *O Lobo Solitário* realmente tem dos grandes momentos da curta-metragem portuguesa dos últimos anos, evitando a mera demonstração virtuosa do plano sequência.

Se o "impensável" acontecer e Filipe for mesmo nomeado não se pensa que vai ser uma atitude "brava", não, senhor. Vou curtir à ceimónia! Mas não vou sonhar com isso, só acredito no coisas quando elas acontecem. Estive quinze anos sem fazer cinema...". Agora, jura que não tem nenhum projeto cinema autográfico na cabeça. Porque? "Porque me habituei fiquei viciado no entusiasmo de acreditar num projeto. Obvio que estou mimado e é tão bom porque quando apáño uma coisa que gosto dos tudo! Não sei que vem a seguir, se será música, banda-desenhada ou cinema..."

Está em andamento a organização de algumas sessões no Maria Matos com os filmes portugueses desta *shortlist* dos Óscares, sabe DN. Nesta altura, ainda não há de decidir-se se há a promover e lotações-espetáculos. Como cineasta, Filipe Melo tem já no currículo a série *Um Mundo Caitita*, feita como se de cinema se tratasse e *Sleepless*, maravilhoso como americano feito apenas em dois dias.

dn@net.pt



Uma história de amadurecimento, dentro e fora da cabeça de uma rapariga que ganhou novas lentes sobre os adultos.

## A beleza suja da intimidade

### segundo Ferrante

**ADOLESCÊNCIA** A nova série baseada num romance da autora napolitana é a prova de que a sua escrita convive bem com o ecrã. *A Vida Mentirosa dos Adultos* já está disponível na Netflix.

TEXTO **MÉS. LOURENÇO**

**A**gona quem *streaming* e o cinema descobriam a "febre Ferrante", já quase não há distância entre as adaptações. Recorde-se que a primeira de todas, o filme *L'Amore Molesto*, assinado por Mario Martone, remonta a 1995. Tidamente, uma década depois surgiu o outro, *Os Dias da Abandono*, de Roberto Faenza. Mas é desde 2018, com a série *L'Amica Geniale*, que a escrita da famosa autora italiana tem vindo a aderir ao ecrã como material fértil de sentimentos tão universais quanto específicos e despidos. Foi isso que nos deu a excelente longa-metragem de estreia de Maggie Gyllenhaal, *A Filha Perdida*, e é também isso que persiste na nova série *A Vida Mentirosa dos Adultos*, de Edoardo G. Angelis, com o contributo da própria Ferrante no argumento adaptado do seu romance homónimo.

De Angelis usa alguns fóretos estilísticos, sobretudo musicais, para imprimir um certo rasgo e fluidez juvenis nos seis episódios desta série Netflix, ambientada na Nápoles dos Anos 1990. Mas o que lhe confere substância e uma qualidade reconhecível é mesmo o drama segundo Ferrante, aquela corrente subterrânea de desasossego feminino que, através de uma personagem, entra na consciência do leitor/espectador. Neste caso é a adolescente Giovanna (Giordana Manjón, notável debutante) que domina o ecrã, um rosto anguloso, embulhado em pensamentos tópicos, presta a pintar-se de outras cores.

Na sua inquietude, despoja quantos elementos possíveis do seu carácter, que a acha parecida com uma misteriosa tia chamada Vittoria. Ou seja, que ela, filha de um ginecologista e de uma mulher de um glorioso casal de esquerda, está a fi-

car para com uma mulher barrista, sem tento na língua... A fakede é, de resto, o mecanismo de Ferrante. Giovanna, com uma sensibilidade de cada vez mais molhada pela leitura de romances e menos pela escola, que conhece esta lá banida das suas vidas, e ao fazê-lo não poderá voltar atrás.

Vittoria entra então em cena como uma das mais berrantes criações da escritora, maravilhosa e assegurada pela interpretação de Valéria G. Lino. Algum de modos grosseiros e ternos, como o cigarro no tórax nua e a faca na outra, que traz o espírito da aventura à existência inerte de Giovanna, com lições de especial valor sobre a beleza suja da intimidade.

Já as mentiras dos adultos que o título assinala são menos revelações bombásticas do que uma entranhada falta de honestidade. Como escreve Ferrante numa das suas colunas no *The Guardian*, em 2018 (publicadas por cá pela Relógio D'Água, com o título *A Invenção Occasional*): "Aprendi que os mais sensíveis são inescrutáveis e que, se quisermos ser pessoas honestas para com nos e para com os outros, é necessário impormo-nos confessá-los."

É precisamente esse processo de confissão, e das mudanças concretas e íntimas por ele despididas, que faz crescer a história de amadurecimento, dentro e fora da cabeça de uma rapariga que ganhou novas lentes sobre os adultos. Uma jovem que, ao superar as dores da metamorfose interior, assume o tipo de atitude mais recente trágica dos literatos: "Quero ser indigna, quero acabar mal", ou seja: no último episódio. A passagem à idade adulta é uma coisa linda e bruta.

dn@joh.pt



## Opinião

### Jorge Barreto Xavier

## Semanologia

### O currículo de um governante

**O** que torna alguém adequado para desempenhar funções de governo?

Em 1911, Robert Michels publicou a sociologia *Teorias Políticas*, títula investigação desenvolvida, essencialmente, junto das estruturas do SPD alemão, que foi militante. Nessa altura, já estava a ensinar na Universidade de Turim, onde conheceu o socialista Mosca e Vilfredo Pareto, que influenciará o conteúdo deste livro seminal do estudo dos partidos políticos e das teorias de liderança em democracia. Se se pode criticar Michels por um certo simplismo nas generalizações que faz relativamente ao modo como, em geral, se concentra o poder político (estudos posteriores demonstram que a realidade das dinâmicas do poder é mais complexa), não se pode ignorar a importância das suas conclusões — há uma evidência em todas as formas de poder (democracias incluídas), da sua concentração e manutenção — ao que chamou a *Lei de ferro da oligarquia*.

Quanto ao perfil adequado para governar, ele diz que "o governo ideal seria de uma aristocracia de pessoas ao mesmo tempo moralmente boas e tecnicamente eficientes". Com "aristocracia de pessoas", quer de dizer uma elite que se destaca do grupo geral dos cidadãos, que deve ter elevadas qualidades morais e competências especializadas no seu domínio de governação. Entretanto, como se formam estas aristocracias em democracia? Dizê-lo a este respeito: "Quando as democracias atingem uma certa fase de desenvolvimento, passam por uma transformação gradual, adotando o espírito aristocrático, e em muitos casos também as formas aristocráticas, contra as quais no início lutaram tão ferocemente. Agora surgem novos acusadores para denunciar os males; após uma era de gloriosos combates e de poder inglês, acabam por se fundir com a antiga classe dominante; sendo então, mais uma vez, ata-

cados por novos opositores que apelam ao nome da democracia. É provável que este jogo cruel continue sem fim.

Volto à *Lei de ferro da oligarquia*, a mesma defende que quem detém o poder — dado partido, grupo ou família — se organiza para o manter. Este exercício, naturalmente, exclui a entrada de novos protagonistas, os líderes do poder consideram juntar-se ao seu grupo figuras que se irão facilmente afeições ao líder. Poderia dizer-se, que, numa ótica de conservação do poder, os líderes iriam buscar pessoas "moralmente boas e tecnicamente eficientes", como diz Michels. No fundo, estes padrões seriam os adequados para a manutenção das prerrogativas da oligarquia.

Será assim? Sabemos que não. Não é assim na generalidade dos países democráticos e não é assim em Portugal. No nosso país, salvo raras exceções, os líderes vão buscar os controladores de

“**Espera-se que a volatilidade que se vive na governação do país traga lições para o futuro. Não para conseguir esconder o que hoje está, felizmente, à vista. Mas para garantir o nosso melhor governo, independentemente de quem governa.**”

votos que lhes asseguraram as eleições dentro do partido, os coreligionários, amigos, irmãos, sobrinhos, que precisam de ganhar projeção ou ganarem alianças com quem os interessa manter o conteúdo ou premiar, os académicos com ambições de poder e sem experiência de vida prática que podem compor o ramalhete da respeitabilidade, os lambes-boras que nos tocam nas redes, e por aí fora. O recrutamento dos governantes funciona mais como um governo ou reforço endógeno que como exercício que tem, por primeiro objetivo, constituir o melhor governo para servir os cidadãos.

Qual é o currículo ideal para ser membro de um governo? Não existe. Cada líder precisa de desorientar a sua equipa em funções dos resultados a atingir. O que está em causa é, precisamente, quais os resultados que se pretende atingir. Não é possível, sem pessoas com fraca preparação ou preparação inadequada obter os melhores resultados. E nenhum governo pode ser um laboratório. Os partidos, as associações, e acima de tudo, as profissões da vida pública, são laboratórios adequados. Quando se lê o currículo de muitos governantes, percebe-se que quanto longe estamos dos mínimos. Quando se tem de responsabilizar os líderes. Enjeitar a responsabilidade nas instituições da vida pública, são laboratórios adequados. Quando se lê o currículo de muitos governantes, percebe-se que não é relevante, há um problema geral de credibilidade do sistema institucional — aprenda de confiança na instituições provoca o crescimento dos falsos moralistas e das franjas extremistas.

Espera-se que a volatilidade que se vive na governação do país traga lições para o futuro. Não para conseguir esconder o que hoje está, felizmente, à vista. Mas para garantir o nosso melhor governo, independentemente de quem governa.

# As novidades de inverno do Go a Lisboa

**LAZER** O espaço tem uma nova sala, novos menus e um rooftop de inverno, que protege do frio, vento e chuva sem tapar a vista para a Ponte 25 de Abril. Um belo local para explorar pratos goeses ou outras iguarias criadas pela chef Inga Martin.

TEXTO **SOFIA FONSECA**



O frio trouxe novidades ao Go a Lisboa, que abriu em pleno verão e que deu nova vida à Casa de Goa e à zona de Alcântara, em Lisboa. Desde há um mês, que ali há um novo espaço, novas ementas e o rooftop protege-se da chuva, do vento e das temperaturas baixas.

Este terraço, que deu acolher novas vistas da cidade e que foi uma das sensações do último verão da capital, pretende continuar a ser o ponto de encontro de todos, faça chuva ou faça sol. Com uma parede de vidro harmónica, aquecedores e uma cobertura, mantém-se confortável, acolhedor e privilegiado para apreciar a paisagem com a Ponte 25 de Abril como pano de fundo.

Outra novidade é um espaço *indoor* a que chamaram, pelo menos por agora, Go a Lisboa *Pop-Up Supper Club*. "Ainda estamos a atualizar semanalmente o espaço, o mobiliário, mais novidades que juntam a cozinha e o bar num conceito arrojado e inovador e, uma vez concluído, incluindo um incrível conceito de iluminação único, receberá o seu nome final", contam os responsáveis do Go a Lisboa em comunicado.

Aqui há muita oferta. "É um lugar para desfrutar de bebidas, múltiplos pratos *à la carte* criados pela talentosa chef Inga Martin e, no nosso caso, música ao vivo nalguns dias ou outro entretenimento em cartaz e até mesmo um pezinho de dança ao som de DJ", explicam.

À entrada, bem no centro da sala, deparamo-nos com o bar, quadra-

do, com 20 lugares a toda a volta, e três estações de *cocktails*. No fundo, a pista de dança, um outro bar e mesas de jantar. A luz é ténue, mas salta à vista o mármore português.

Seja em que espaço for, e que tipo de refeição prefira – almoço, jantar, pequeno-almoço, *brunch*, ou evento familiar ou corporativo –, as sugestões gastronómicas são por conta da chef Inga Martin, nascida em Coimbra, mas que por influência do pai e dos avós paternos, guineenses, já trabalhava muito as especiarias. Para a Go a Lisboa, onde não há apenas comida guesa, pensou em duas cartas distintas, uma para cada espaço.

No *Rooftop* pode começar com uma chaminé de carne e fogrite

de hortelã (3 euros), passar por um caril de camarão com croco e especiarias (18 euros) ou um *chacuti* de fango (14 euros), terminando com uma *bebibina* (8 euros).

Mas os sabores de Goa não dominam e tem opções com outros temperos e uma oferta ainda mais dedicada a pratos vegetarianos e vegan. Sem esquecer as opções para *brunch*, que vão das torradas, *croissants* e ovos, a pratos mais elaborados como Abdoira *Hokaido*, pure de feijão branco, molho de *tahini* e *harissa* (10 euros) ou Caco de barriga de porco, chicória, pepino, *pickles* de cebola e maionese de citrinos (9 euros) ou ainda *Bowl* de quinua, manga, cebola rosa, pepino, tomate *cherry*, coentros, molho de *tahinin* com abacate (12 euros).

No *Pop-Up Super Club*, pode aventurar-se nos *croquetes* de rabo de boi e mostarda (6 euros), no camarão tigre, manjeira de missô e *firilada* de lamaria (24 euros), no Tatar de novilho escrocante de alga *noori* (10 euros) ou nas Vieiras com *Sunac* (7,5 euros). Para finalizar, um *Chocolate* decadente (6 euros) ou um *Milfolhas* de Amareto (7,5 euros).

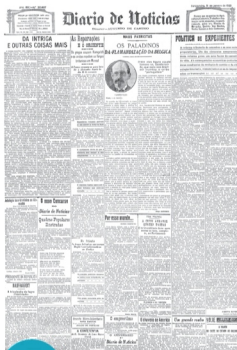
A tudo isto junta-se um menu de *cocktails* lúdico, mais refinado, que conta ainda com uma vasta seleção de cervejas portuguesas e internacionais, bebidas espirituosas, vinhos, *mocktails*, *kombuchas*, sidras, entre outras propostas.

As sessões de *yojo* também estão de volta, estando já uma agenda para o próximo domingo ao preço de 25 euros.

sófia.fonseca@dn.pt



- 1 O rooftop está agora protegido do frio, da chuva e do vento.
- 2 A nova sala já abriu, mas ainda está a ser trabalhada.
- 3 e 4 Aqui estão alguns dos pratos a provar nos vários espaços do Go a Lisboa.



O DN DE HA CEUM ANOS

# AS NOTÍCIAS DE 9 DE JANEIRO E 1923 PARA LER HOJE

SELECÇÃO DO ARQUIVO DN POR CRISTINA CAVAÇO, LUÍS MATIAS E SARA GUERRA

COM O APOIO INSTITUCIONAL:



GRUPO BEL



## DA INTRIGA E OUTRAS COSAS MAIS

A intriga constitui uma especial tendência do espírito, um recolhimento de si, uma quasi condição do carácter dos medidores — dos homens medidores e dos meios medidores. A intriga está sempre em um dos grandes males da sociedade portuguesa.

Como uma espessa ródia de desconfinanças, de perfídias, de boatos, de insolências, de exageros, a intriga envolve a existência nacional. Melhor é sombria do que alegre, por outra forma de se seccionar, não consecutivamente nunca triunfar — intriga social e intriga politica, amparando o ar, enforcando iniciativas, desimpugnando interesses, desalentando ideais e o balanço dum dos aspectos irredimíveis da actual vida portuguesa.

Deriva das correspondências desleais dessa intriga a instabilidade moral em que vivemos. A falta de segurança do conceito de ordem material, entre nós, acrece essa falta de garantia de condições materiais. O passado dum homem em Portugal, sem esse passado qual furio e garante contra o ataque da primeira espinga — a primeira injúria ou a primeira navalha.

Não meio envenenado pela desconfinança, pela incredulidade, pelo mais amargo scepticismo, a insidia, o alisona são uma coisa castreia, o espírito de cabalista, encontram um campo de acção excepcionalmente propício. O afastamento da correção, a ausência de imparcialidade real, por outro lado, nivelado pelo mesmo baixo estalão o homem a mais; o descalabro da educação civica, por cima de tudo, criam esta crua de carácter, que é muito grave. Dentro desta crua todos os dias se avolumam os estímulos do mal, todos os dias diminuem os incentivos do bem.

Sob o péz desta verdadeira ródia de arame ferpado a intriga, toda a coexistência espiritual, todo o comércio da vida, entre nós, singularmente difícil. Teve ocasião de o experimentar o dr. Leonardo Coimbra que há dias, numa entrevista que transcrevemos, se queixava, em outros termos, d'isto mesmo. Quando quis declarar, encontrando de si uma muralha a intriga, encontrou. Quando quis defender-se, encontrou pela frente um apêz tráfego: O dr. Coimbra era considerado um demão na véspera. Uma simples divergência de opiniões alçou-o em vinte e quatro horas para o limbo das renegadas.

A expressão moral e intelectual da intriga é sempre esta: a mediocridade. Só os medidores intrigam. Só os imbecis calambos. Não fecharemos a porta à intriga e a calúnia, que são elementos constantes da perturbação, emquanto social e politicamente não se legarmos, por uma bem entendida selecção de energias, os medidores e os imbecis para o accôrreio piam que lhes compete. Só arrumando valores, se podem arrumar, congregar e estimular apóides.

Más, para atingir este resultado, é evidentemente necessário refazer, em novas bases, algumas das mais expressivas modalidades de educação nacional e do espírito politico, restabelecendo, em muitos casos, não só o significado de certas ideias, e a acção por uma linha e coersiva acção civica, mas o sentido de muitas palavras.

Um dos aspectos que mais tem contribuído, na vida politica, para o estado de intoxicação e de melleorização que

nos encontramos é constituída pela grande distribuição de funções e por uma concepção excessiva, que entre nós existe, da vida publica. A ideia democrática assume-se involuntariamente num principio de delegação — não num permanente e revulsivo direito de intervenção dos cidadãos na vida dirigente do país, como em Portugal parece supor-se.

As acções são normalmente governadas pelos seus interesses de governo — pelos seus orgãos *legisla* e apenas por estes. Quando se sai para fora desta salutar prática, acontece, como no fascismo italiano, ou no desfasgamento nacional: inversão de poderes, inversão de ordem, violência, com o seu cortejo de estalamentos duros, de impudor e audácia doutros, de dissolução geral.

No dia em que, em Portugal, todos nos conversamos de que o patriotismo, por exemplo, não é um ideal efervescente, contínuo, mas uma noção vigilante, calma, de trabalho e cooperação — o que, para os interesses do povo, em que um ideal comum agito e coortaz para a luta, na mesma estífida de sacrificios e sacrifícios, um povo inteiro, o patriotismo, numa sociedade bem organizada, é um sentimento que se traduz pelo exercício da virtudes laboriosas, de hierarchia, de classes e não por uma grita tumultuosa e confusa de imprecacões; no dia em que essas ideias são abstracções e estranhas ao espírito publico, haverá menos patriotas, entre nós, menos salvadores, talvez os poucos milhões menos de estadistas, mas haverá mais patriotismo, no bem sentido da palavra, porque haverá uma melhor e mais distribuída ordem moral.

É preciso não confundir, porque da confusão já têm resultado na sociedade portuguesa alguns inconvenientes graves. Normalmente, o patriotismo de um governante é governar bem; o patriotismo de um sapateiro é fazer bem dozes. Misturar estas duas coisas, pondo o sapateiro a governar, só servirá a fazer boatos, pouco acarratar perturbações que não consideramos necessário necessitar mais declarar.

A intriga e a violência são um mal profundo, mas, resolvidos, uma e outra são o resultado da mediocridade do demão. O sectorismo é um sentimento medullo, como todos os sentimentos negativos. Não haverá verdadeiras acções civicas ou estadísticas morais ou materiais na sociedade portuguesa enquanto se não fizer, com uma melhor armadura de valores, uma reeducação moral, entre nós.

A politica de cooperação que defendemos, contra os que se isolam, por limitação do estalamento a politica de dissolução, que sustentamos, contra a politica de divisões e demolição, que não nos ajuda nos tem aldo, assentam principalmente, uma e outra, na politica de confiança, que só será, em toda a sua amplitude, possível, quando cada um deixar o seu lugar e apenas sua luz, deixando-nos as intrigas e desagregando os dódos, governando quem legalmente deve governar — quando finalmente o povo em Portugal mais cidadãos e menos estadistas e na hora final em que a morte, em lugar de servir para construir a fazer bombas, servir para dormir e o dia, em lugar de servir para espalhar o terror e espalhar boatos, servir para trabalhar e deixar trabalhar os outros. Patriotismo é este — o melhor.

Telef.

particula

LEA

imparad

las,

LUGU

ESTA

CCÇÃO

AU

iversar

MAUS PATRIOTAS

OS PALADINOS DA FLAMANDIZAÇÃO DA BELGICA

Entre eles figura aquele famoso sr. Vandervelde, que para nos deprimir inventou o verbo "portugalizar"

essa lingua puramente regional é uma hipótese absurda. O flamengo serviu apenas para fofa os portos de franco e para as abric de par en par no século...

O sr. Vandervelde foi sempre um pouco feio. Exceção para português, é justo que o façamos e é justo também que digamos mal. Esse político do socialismo é o homem que nos estranhou...



VANDERVELDE

Paris, 4 de Janeiro.

Na questão da Universidade de Gand, que divide neste momento tão perigosamente a nação belga, a politica intervio. E foi isso mesmo o que tomou já essa questão mais grave e que agora ficou-lhe insolvel.

Um general alemão tinha transformado a antiga universidade francesa de Gand (quando digos franceza referio-me a lingua adoptada e ao caracter do ensino) numa universidade flamenga.

Contudo o partido catolico não foi suficiente para adoptar essa attitude. Alguns homens politicos exigentes que dele faziam parte pronunciaram-se pelo restabelecimento integral do estado de coisas anterior á guerra.

Nas a maioria do partido catolico não está e não sua campanha. Ela talvez, talvez mau grado seja, o concorre do que vem na transformação da Universidade de Gand um meio effez da substituição numa grande parte da Belgica...

Conselheiros de esse modo portuguezes, registando que pouco a pouco é também um mau patriota, e que neste momento ele colabora com todas as suas forças numa obra nefasta que, pelo menos, para os que obedecem á Intelligencia, para os que dominam, pelo menos denominar-se-ia obra de tração.

As Reparações DO ORIENTE

Os gregos occupam Kargatch e os arabes replem as forças britannicas em Mossul

A França prepara-se para invadir a Alemanha depois do dia 15 de corrente

LONDRES, 8.—Porque que a França está na disposição de, a partir do meio meo da dia 15 de Janeiro, começar a entrar a sua acção contra a Alemanha, fazendo armar as tropas pelo Vale do Meuse e aproximando asias a Alemanha do norte da do sul. Este projecto é o que mais agrada ao Estado Major Francês.

O correspondente do Daily Mail em Polonia mandou a seguinte noticia: «As forças foram recuadas para o meio de agosto anterior, tendo sido feita a sua substituição pelas autoridades francezas, mas também se tem dito que, desde o verão, a tropa franceza seguiu as linhas de Eisen e Francoforte».

As autoridades militares francezas exprimem a sua confiança em que as autoridades alemãs cooperarão com ellas e obedecerão ás ordens francezas como si fizessem em seus anteriores e reterrições, que uma fiscalização franceza se impoza para tornar impossivel a sua fuga.

Engenheiros francezes partiram já com destino ás minas de Ruhr

PARIS, 7.—O sr. Poincaré recebeu hoje a o Dr. Troczek, ministro das Obras Publicas de O. Tschak, que auctoridade dos dois milharistas foram examinadas diversas questões de ordem tecnica, relativas á execução das sanções que devem ser tomadas contra a Alemanha.

Os jornais desta manhã dizem que uma quartel de engenheiros francezes partiram ontem á noite com destino á Alemanha, donde se dirigirão directamente para diversas minas do Ruhr.—

O ex-chancelier Weir diz que a Alemanha deve extinguir os seus compromissos

BERLIM, 8.—Discutindo numa reunião de deputados católicos, o ex-chancelier Weir fez a seguinte declaração das reparações tendente, fez-se e, a ser-se a Alemanha a situação politica, o sr. Weir attribui a impossibilidade de continuar no poder, porque de reparações e dos representantes da grande industria e commercio alemão, que se referem ao termo, o sr. Weir declarou que a Alemanha é via de fazer cumprir os seus compromissos a despeito a Inveja dos Estados Unidos e porque a rapidez da ruina corporativa.

A imprensa inglesa espera que o plano britânico seja posto em execução

LONDRES, 8.—A imprensa britânica recusa-se a acreditar no plano inglês para a solução da questão das reparações. Venha a ser completamente ponto de parte, estando convencida de que os principaes em que esse plano se funda não de vir a ser utilizados. A restrição das forças de um dos escritorios francezes e de que as differenças de ordem economica e psicologica entre os planos francez e ingles é bem ser attribuida a indistinctas influencias da guerra internacional e commoitta de plano inglés, frisão de jornais de Londres, é o fruto de aturado estudo do governo e é apoiado pelo grande masso do povo britânico e é approved por todas as commoittas da America e dos outros continentes. Não foi tomado ao pé a ver no inglês nem pelos seus tacticos nem por qualquer outro factor. O plano é mesmo um plano novo... «obtenção da Alemanha das maior quantia que seja possível para a maxima soma de effeitos de forma a poder-se finalmente recuado e a poder voltar-se a normalidade das commoittas europeias anteriores á guerra».—

No Oriente

As tropas britannicas e arabas em Bagdad entrincheiraram-se em Hilla

LONDRES, 8.—«Daily Express» publica um telegrama de Constantinopla dizendo que o vii a divisação grupo ocidental, formado na zona norte da Mesopotamia, a sua respectiva commoitta de Es. O coronel francos commandante de Es. respectu protection, mas o general gruzo recusa-se a tomar nota do protesto, recusando-se a retirar.

A «Chicago Tribune» também publica um telegrama de Constantinopla segundo o qual os arabes retiraram as forças britannicas, entrando á cidade de Mossul. As tropas britannicas e arabas foram derrotadas e a cidade de Mossul.—

Os sovietas protestam novamente contra a sua exclusão das negociações

L. L'ANSAN, 8.—Theobaldine dirigiu á Conferencia a sua nota verbal, na qual da contra a eliminação dos sovietes das negociações e referida a commoitta relativa aos sovietes e politicos no vaminio que todas as potencias que não se adherem ás Resoluções, tomem parte na discussão.—

Três gregos executados por homicídios

ATENAS, 8.—Um trem do antigo bano do Smitra a meia-dia procoo acciões de serem perfeitamente a desfecho de três aldeias turcas, foram condemnados a morte pelos homicídios e execuções.—

DE CASO

...este jornal e afirmo da sua posse que a todos uma nesta casa

Vertical text on the right edge of the page, possibly a page number or date: 31, 1923, 1, 9

## Bolsonaristas enfrentam a polícia e invadem Congresso no Brasil

**CONTESTAÇÃO** Apoiantes do ex-presidente Bolsonaro superam barreiras das autoridades e depredam as sedes dos poderes executivo, legislativo e judicial em Brasília, em protesto contra eleição e posse de Lula, que decreta "intervenção federal".

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, EM SÃO PAULO

**M**ilhares de apoiantes do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram ontem o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal em Brasília, depois de superarem as últimas barricadas montadas pela polícia federal brasileira. Com gritos de guerra pró-Jair Bolsonaro e anti-Lula da Silva, o presidente democraticamente eleito no dia 30 de outubro e empossado dia 1 de janeiro, os manifestantes protagonizaram atos semelhantes aos da invasão do Capitólio, em Washington, há dois anos, no dia da ratificação da eleição de Joe Biden, sobre Donald Trump, que classificaria o sufrágio como fraude.

Aos gritos de "taxaça geral" e sob o som do hino nacional brasileiro, os atacantes passaram pela chuva de bombas de gás lacrimogêneo e conseguiram, por volta das 18.00 horas de Portugal, chegar ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional, ao Congresso Nacional, sede do legislativo, e ao Supremo Tribunal Federal, sede do poder judicial, e quebrou portas, janelas, mesas e cadeiras.

"Deus está no nosso lado e vai jogar tudo ogás pra eles do lado", disse um dos manifestantes enquanto tentava invadir a suprema corte e reagiu às bombas de gás lacrimogêneo, segundo reportagem do site local Metrópolis. Os manifestantes soltaram fogos-de-artifício, atiraram grandes ferro e outros objetos contra a polícia, que teve carros destruídos.

Brasília amanheceu com policiamento especial, de tropas da Polícia Militar do Distrito Federal e membros da Força Nacional de Segurança, por causa da presença de extremistas, já anunciadas desde a véspera, em manifestações antidemocráticas a favor de Bolsonaro, o derrotado nas últimas eleições,



Polícia tentou travar manifestantes com gás lacrimogêneo. Em vão.

atualmente em Orlando, nos Estados Unidos, onde passou o *Reivindicação* depois de sair do Brasil, às vésperas da posse do rival Lula.

Filipe Dino, ministro da Justiça da Segurança Nacional do novo governo, havia pedido, nesse sentido, ao governador local, Ibáñez Rocha, aliado eleitoral de Bolsonaro, um reforço policial, que se demonstrou ineficaz. O ministro prometeu desmobilizar os acampamentos montados por apoiantes de Bolsonaro em frente ao Quartel-geral do Exército, em Brasília, aonde chegaram outros vândalos na manhã de domingo, vindos de diversos pontos do Brasil, sem enfrentar oposição das autoridades.

"Naquarta-feira, Dino havia afirmado que 'até sexta-feira, 6 de janeiro, as mobilizações antidemocráticas' seriam resolvidas. "A conduta que tenho com [José] Afonso [ministro da Defesa] é de que está resolvendo até sexta", disse.

Dados os tumultos, à hora do fechamento desta edição, Ibáñez Rocha comunicou ao governo federal que exonerou o secretário de Segurança Pública local, Anderson Torres, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro.

A essa hora, entretanto, a polícia de choque já entrara pela garagem da sede do Supremo Tribunal Federal e retomado o espaço de dentro para fora.

Em grupos, os inconformados com o resultado eleitoral que elegeu Lula foram descendo do quartel do Exército parte deles com paus nas mãos, um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

outros grupos pernoitaram no Ministério da Saúde e do Itamaraty, a sede do ministério dos Negócios Estrangeiros, e seguiram, com eles, na direção de Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal.

Foi aí que se verificou o essencial dos tumultos.

Lula, entretanto, não está em Brasília neste fim de semana por ter viajado para o Estado de São Paulo e visitado a cidade de Araçuaçu, para acompanhar vítimas das chuvas que afetaram a região, decretou intervenção federal no Distrito Federal. "Podem ter certeza de que quem executou ou permitiu esse absurdo será punido", afirmou, condenando os "fascistas farfáticos".

Em São Paulo, outro grupo de bolsonaristas interdito a movimentada Avenida 23 de Maio.

Desde a segunda volta das eleições, ganhas por Lula com 49,1% dos votos contra 49,1% de Bolsonaro, o ambiente no Brasil ficou pesado por culpa da acumulação de pessoas nos Quartéis-Generais do Exército brasileiro de centenas de cidades a pedir intervenção militar.

Nalguns casos, essas pessoas protagonizaram cenas de violência, como queimas de carros e autocarros. Noutros, o radicalismo suscitou cenas trágicas que viralizaram, como a do bolsonarista que percorreu dezenas de quilômetros agarrado a um caminhão que quis parar num bloco de protesto, a dos manifestantes a cantarem o hino brasileiro na direção de um pneu ou a dos apoiantes do presidente cessante a pedirem ajuda extra-terrestre via lanternas dos telemóveis iluminadas para o céu.

Bolsonaristas, inconformados chegaram a publicar vídeos após a posse de Lula a sugerirem que a cerimônia se tratava de uma farsa e que o presidente em exercício seria, afinal, o general Augusto Heleno, chefe de segurança de Bolsonaro.

Antes de conhecidos os resultados eleitorais de outubro, entretanto, a campanha já fora classificada como a mais agressiva da História da jovem democracia brasileira, com dezenas de casos de violência, como a de morte de um eleitor de Lula, que morreu enquanto festejava o aniversário após tiros de um invasor apoiante de Bolsonaro, ainda em julho. Nos últimos dias antes da segunda volta, Carla Zambelli, deputada bolsonarista rebelde, correu por uma avenida de São Paulo de arma em punho a perseguir um turista que a confrontara, [dzotgijh.pt](https://www.dzotgijh.pt)

### Portugal condena ataque "intolerável"

Marcelo Rebelo de Sousa mostrou "repúdio por estes atos inconstitucionais e ilegais a que todos assistimos", condenando a invasão do Congresso pelo bolsonaristas. A SIC, o Presidente da República português manifestou o "apoio e solidariedade de Portugal a um mandato que tem de ser respeitado", o de Lula da Silva. O governo português também condenou a "violência e desordem" em Brasília, num comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros.



**Conselho de Administração** Marco Galvão (Presidente), Domingos de Andrade, Guilherme Pinheiro, António Sarais, Helena Maria Ferreira dos Santos, Fernando de Gouveia, José Pedro Soares, António Horta e Philippe Vito. **Secretário-geral** António Camões. **Diretor** Rosália Amorim. **Diretor adjunto** Leonardo Paulo Ribeiro. **Subdiretor** Inês Pêgo. **Coordenadora** Mariana Pinheiro. **Assistente** Mariana Pinheiro. **Redação** Mariana Pinheiro, Mariana Pinheiro, Mariana Pinheiro. **Impressão** Imprensa Nacional da Casa da Moeda. **Distribuição** Imprensa Nacional da Casa da Moeda. **Depósito legal** 121/02/88. **Assinaturas** 121/02/88. **Endereço** Rua do Carmo, 136, 1201-209 Lisboa. **Telefone** 213 010 200. **Fax** 213 010 200. **E-mail** [geral@lusa.pt](mailto:geral@lusa.pt). **Website** [www.lusa.pt](http://www.lusa.pt). **Registo** Registo Nacional de Empresas, N.º 120232. **Registo** Registo Nacional de Empresas, N.º 120232. **Registo** Registo Nacional de Empresas, N.º 120232.